

PLINIO SALGADO

PAGINAS
DE
COMBATE



LIVRARIA-H. ANTUNES
RUA B.ºS AIRES, 133. RIO

Digitalizado por: Trovoada - SP
<http://trovoadasp.blogspot.com.br/>

PAGINAS DE COMBATE

PLINIO SALGADO

PAGINAS
DE
COMBATE

1937

LIVRARIA H. ANTUNES
RUA BUENOS AIRES, 133 — RIO DE JANEIRO

No fragor da batalha

Empreendendo uma obra cultural e educacional como jamais houve outra no paiz, o Integralismo desenvolveu, desde o seu inicio, uma acção parallela de vigilancia contra os inimigos da Patria, isto é, os communistas, e esses falsos liberaes e falsos nacionalistas, que conspiram sequiosos por destruir a Nação escondendo-se por detraz das dobras do Pavilhão Nacional.

Nesse campo da actividade dos camisas-verdes a nossa batalha tem sido constante, ampla, complexa, magnifica pela revelação diaria da perseverança e capacidade de resistencia dos soldados do Sigma.

Odiados pelos bolchevistas, pelos separatistas, pelos politicos que colocam os seus mesquinhos intereses regionaes ou pessoaes, acima dos deveres que a todo brasileiro incumbe de zelar pela segurança das tradições do Brasil e pelo futuro de seus descendentes; injuriados, calumniados, perseguidos, os ca-

misas-verdes continuam a marchar com firmeza, augmentando sem cessar o volume da massa contagiada pelas suas idéas fascinadoras.

Estas "Paginas de Combate" reflectem alguns aspectos desta luta em que nos empenhamos. Evidenciam a grandeza de nossa fé e o esphacelamento do adversario, nas arestas das contradicções, das incoherencias. Mostram, ainda, o crime hediondo que estão praticando, por omissão, todos aquelles que assistem de braços cruzados a este drama comovente que é a batalha civica dos camisas-verdes da Patria.

Eu entrego este livro á meditação de todos aquelles que ainda teem no fundo do espirito um sentido de honradez e uma tendencia para o Bem. Que cada um se mire nos espelhos destas paginas e tome a resolução necessaria ao cumprimento de um sagrado dever perante Deus e perante o Brasil.

PLINIO SALGADO

Rio, 25 de maio de 1937.

As duas faces de Satanaz

O communismo não é uma causa: é um symptoma. O mal não é o communismo em si, porém, são as causas que geram o communismo.

O communismo, por consequencia, não se acaba com violencia, com oppressões e fuzilamentos: acaba-se com a extincção das fontes de que elle provem.

E' preciso encararmos o communismo sob os dois aspectos pelos quaes elle se apresenta: o intellectual e o moral.

Sob o ponto de vista intellectual, o communismo só pode ser combatido, efficientemente, pela critica, pelas idéas, no livro, na tribuna, na imprensa. Sob o ponto de vista moral, o communismo só pode ser combatido pelas medidas que melhorem o soffrimento da massa e pelos exemplos de virtude.

Tanto o estado de espirito do intellectual como o estado de espirito do inculto, porém,

sentimental, só podem ser substituídos por uma nova concepção da vida.

Será, porém, inútil, tanto a acção do pensamento como a acção do sentimento, se ella não fôr prestigiada pelo exemplo.

Estancar as fontes do communismo, — eis o nosso trabalho.

*

*

*

Onde estão as fontes do communismo?

No materialismo burguez.

Com que autoridade moral um materialista póde declarar-se inimigo do communismo?

Sua attitude reaccionaria só consegue irritar ainda mais os humildes, os infelizes. Seu odio anima o odio dos contaminados pelo bolchevismo. Seus instinctos sanguinarios não fazem mais do que accender mais ao vivo as coleras da multidão.

E' muito commum hoje em dia escutar-se um burguez dizer: "Qual nada! O que o Governo devia fazer era fuzilar logo esses communistas!"

A gente olha para burguez. Está bem vestido, com o charuto na bocca, acaba de descer o elevador do Jockey Club, onde levou duas horas almoçando numa roda elegante. E' casado. Daqui a pouco, vae ter um encontro

com uma mulher que não é a sua, no "hall" do Palace. Esta manhã esteve na praia, seminú, fazendo conquistas entre phrynéas familiares. Tem uma renda farta. Vive á tripa fôrra. Sabe de numerosos casos de adulterios galantes e de cavações reles. E tem muita raiva dos communistas. "Oh! O Governo devia fuzilar essa caterva!".

O nosso homem vóta um desprezo profundo pelos humildes. Essa gente, para elle, cheira a cebolas e a suor. Grita com os creados. Maltrata os "garçons". Faz o maior pouco caso do estudante pobre, do soldado heroico, daqueles que guardam a sua casa, como cães de fila. Caçôa do brasileiro do sertão, que trabalha para sustentar o luxo das capitaes. E, quando esse nedio burguez ouve falar em communismo, logo diz: "Basta a policia! E' metter-lhes as patas de cavallo, é varrel-os a metralhadora".

*

* *

Não: o communismo não se combate assim. O burguez está enganado. Já se enganou desse modo na Hespanha; está se enganando na França, como está se enganando no Brasil.

O communismo é apenas um symptoma do materialismo grosseiro de que o burguez é a fonte originaria.

O operario não quer mais acreditar em Deus? Mas quem foi que ensinou o operario a negar a Deus? Foi o burguez. O burguez que acha muito bôa a religião para os velhos, os proletarios, as crianças e as mulheres.

O nédio burguez é atheu, e não respeita a familia, e não liga á Patria. Leva uma vida de macaco, só pensando em prazeres, com o nariz a cheirar rabos de saia, os fundilhos alissados pelas poltronas e pelos almofadões dos carros de raça. Sua preocupação constante é o panno verde, a “garçonnière”, as paixões criminosas, a esperteza nos negocios.

Convém, para elle, que o operario seja religioso, porque assim não incommoda com rebeliões e desesperos. Convém que a esposa tambem o seja, porque assim se conforma com as suas ridiculas attitudes de gallo velho. Convém que as crianças tambem o sejam, para não darem trabalho com desobediencias.

E’ assim o burguez. Para elle a Patria é uma coisa muito bôa, porque a Patria para elle não são os milhões de brasileiros que soffrem, porém, os soldados de policia e os agentes de segurança, os investigadores e as metralhadoras. Isso é que é a Patria, a Nação, para elle. Mas nem isso elle defende, porque é commodista. Deixa essa tarefa, a nós, camisas-verdes, ao Exercito Nacional, á Policia, ao Governo. Elle, materialista e gozador, não dá um passo.

Exige, apenas, que não poupemos o communista.

O Exercito, diz o burguez, deve ser disciplinado, não se mettendo em politica. No intimo o burguez está convencido de que o Exercito existe para que elle, em plena segurança, possa conquistar e deflorar a filha do operario; para que elle possa refestelar-se no seu pyjama de seda; para que elle possa atropelar com o seu automovel o misero velhinho ou a innocente criança que tiveram a petulancia de se pôr á frente de sua machina possante. Lá no fundo de seu coração empedernido, elle pensa que o Governo, o Chefe de Policia, os militares, os camisas-verdes, devem ser seus capangas, seus creados doces.

Estão muito enganados, os burguezes. O que nós, integralistas, combatemos, em primeiro lugar, é o materialismo, o sensualismo, a grosseria dos sentimentos, o dominio dos instinctos. Sem combater isso, como combateremos o communismo?

*

*

*

Pois se o operario olha para o burguez e vê que elle, em todas as suas attitudes, proclama que a vida do homem acaba neste mundo, e se o burguez é o homem que sabe, que leu,

que estudou, e se é com elle que o operario aprende, é logico que o operario ficará sendo materialista, deseja ser tambem um bruto, um gozador e como não tem recursos, adhere a uma doutrina que lhe diz: “O céu e o inferno são aqui mesmo: tratemos de gozar a vida tomando tudo dos burguezes!”

A filha do operario que se prostitue, levada na baratinha do burguezote, foi seduzida, primeiro, pelo luxo da burguezinha e pela opulencia da burguezona. Os homens brutaes, empolgados pelo instincto, que premeditam o assalto ás familias dos burguezes, para saciar a sua lascivia animalesca, não fazem mais do que imitar, de um modo violento e cruel, o burguez que assaltou habilidosamente a casa do proletario, deshonrando-lhe a filha.

E’ que o operario é uma obra do burguez. O burguez fez o operario á sua imagem e semelhança. A creatura agora se revolta contra o creador. Nada mais logico, porque o burguez tambem se revoltou contra Deus, quando adoptou um methodo de vida tão contrario aos mandamentos do Senhor.

O burguez é violento? O operario tambem o é. O burguez é lascivo? O operario tambem o é. O burguez é commodista, indifferente á Patria? O operario tambem affirma que a Patria é o estomago.

O burguez é cosmopolita? O operario é

internacionalista. No fundo, são a mesma coisa.

O communista préga o amor livre? Mas o burguez, de ha muito, já vive em polygamia.

O communismo préga a destruição das religiões? Mas o burguez, de ha muito, está caçoando de todas as religiões.

O communismo quer matar, trucidar? Mas o burguez tambem exige fuzilamentos.

Os communistas não têm pena das familias dos burguezes? Os burguezes terão pena das familias infelizes, pauperrimas, deste paiz?

*

* *

Burguezes! Eu e os camisas-verdes viemos para vos salvar e salvar vossas familias!

Burguezes! Eu vos chamo, em nome de Deus e da Patria!

Vinde emquanto é tempo! Nós, integralistas, não vos odiamos quando dizemos estas verdades, que precisaes ouvir, porque o Senhor, na sua infinita bondade, permittiu que alguem vos dissesse o que nunca ouvistes de ninguem, porque todos os que vos rodeavam eram hypocritas e não vos amavam.

Nós, camisas-verdes, amamos profundamente o operario, como vos amamos tambem, burguezes, porque vós que opprimis com cruel-

dade e elles, que rugem de colera contra vós, todos sois brasileiros e sois humanos, e este Movimento Integralista é da Patria e se anima de sentimentos de humanidade.

Nunca alguém disse ao operario e ao bur-guez esta palavra dura, que irrita, que queima, porém que desvenda os segredos profundos das desgraças actuaes em todo o Universo.

Abrandae vosso coração de pedra; applae vossos instinctos; elevae vosso espirito e vinde dar combate á fonte do communismo, para que o communismo se acabe.



Satanaz veste sempre duas mascaras: a mascara da dôr e a mascara do prazer. Quando o homem soffre, Satanaz é a revolta, o desespero; quando o homem goza, Satanaz é a voluptuosidade, a luxuria.

Satanaz veste os andrajos da miseria para saccudir os punhos fechados, na saudação bolchevista. Satanaz veste seda e enfeita-se de joias, para sorrir com indifferença e desprezo sobre os soffrimentos dos humildes.

Satanaz é o communista que assassina á trahição. Satanaz é o homem rico e feliz, que assiste a esse crime, e sorri.

Satanaz é a revolta das hetairas nos cubi-

culos do Manguê. Satanaz é a alegria triumphal dos "flirts" adúlteros das rodas elegantes.

Satanaz é a indiferença, o commodismo, o scepticismo, a negação, a ruína de uma Pátria.

Elle se apoderou de vós, burguezes, como se apoderou de muitos proletarios. Elle entrou nos quartéis, é bem verdade. Mas, antes de entrar nas casernas, elle já havia entrado nos vossos salões, entre phrases elegantes e costumes faceis.

Urge que caminheis para nós.

Urge que vos salveis, burguezes.

Porque, de agora para sempre, já não podereis, allegar ao Supremo Juiz que não ouvistes a verdade, que não appareceu alguém que affrontasse uma sociedade inteira para lhe lançar em rosto seus crimes, enquanto é tempo de se evitar o castigo.

*

* *

Na Família, pela Pátria, para Deus.

Mas que estas palavras não sejam apenas palavras. Que estas palavras sejam sacrificio e realidade profunda dos corações e das almas. Eis a grande, a unica batalha contra o communismo.

Eu accendi esta luz verde para mostrar na treva da hora presente o caminho por onde devereis passar, para não cahirdes no precipicio.

Ha tambem as lampadas vermelhas, pelas quaes vos estaes guiando.

Não podereis dizer um dia que não tive o cuidado de illuminar todo o Brasil com as verdes lanternas humanas que evitam a quéda nos profundos abysmos.

Carta aos inconscientes

Os ultimos telegrammas da Hespanha contam que as freiras de Madrid, Barcelona e outras cidades em poder dos communistas estão sendo arrastadas completamente nuas e assim collocadas ás portas das egrejas. O numero de religiosas e de moças e senhoras de familia violentadas é muito grande. O numero de sacerdotes degolados é enorme. Desencadeia-se sobre a peninsula uma catastrophe infernal.

As forças que representam a ultima reacção da alma nacional avançam, numa lucta desesperada; mas nas cidades que ellas conquistam já não restam senão escombros de igrejas, de conventos, casas saqueadas, homens assassinados e mulheres, em massa, vilipendiadas.

Aproveito esta oportunidade para vos falar, ó inconscientes, ó insensatos que vos entregaes a prazeres futeis, a uma indifferença criminosa, enquanto eu e os camisas-verdes não

descansamos nesta campanha sagrada de re-avivamento das energias nacionaes.

Como os antigos prophetas, não com as virtudes delles, porém, com o sentimento profundo da alma dos simples, dos humildes, que me acompanham, falo-vos, ó paes de familia, ó esposos, ó irmãos, brasileiros de todas as condições e de todas as idades: grandes são os castigos que Deus envia áquelles que não diligenciam no serviço sagrado, áquelles que se conservam tranquillos, deante dos peccados e dos crimes de uma sociedade que apodrece.

*

* *

Falo-vos, politicos de todos os partidos, que vos divertis nos casinos, nas praias, no “hall” dos hoteis elegantes, nas “garçonnières”, nos “rendez-vous”, nas corridas e nas confeitarias, falo-vos não apenas com o sentimento profundo dos pobrezinhos, dos pequeninos, que vestem a camisa-verde, para defender vossas proprias familias, porém vos falo com as coleras sagradas de uma Nação que vos condemna pela minha bocca.

O’ homens eminentes, que insistis em chamar o Integralismo de “extremismo da direita”, ignorando ou fingindo ignorar a nossa

doutrina, lembrae-vos que na Hespanha tambem foram chamados “extremistas da direita” aquelles bravos que hoje representam tudo o que a sua Patria ainda tem de são, de salvador dos ultimos reductos da dignidade de um povo.

Vós, burguezes grosseiros, que tresandaeis a vícios, que tendes mulher e filhos, e andaeis gastando o vosso tempo em ridiculas conquistas amorosas, ou nas dissipações e orgias em que empregaeis o dinheiro que daria para mitigar o desconforto de tantos lares, sois, mais do que nunca, criminosos, e hoje tudo o que nós, camisas-verdes, fazemos, não é mais do que a oração permanente a Deus, para que afaste, ao menos de vossos filhos e esposas, vossas mães e irmãs, a suprema desgraça da deshonra.

Eu sei que muitas dellas são tambem culpadas. Criminosas por ostentação de luxos, criminosas pela transigencia com os costumes degradantes de uma sociedade lacerada de adulterios e prostituição, criminosas pela convivencia com os maus e as más que se toleram por terem dinheiro, criminosas pela futilidade, criminosas pela attitude indifferente deante das tremendas ameaças que pesam sobre toda uma Nação, quasi todas attrahem tambem sobre o nosso paiz os terriveis castigos com que o Senhor costuma avivar a memoria da humani-

dade, nas épocas em que ella se esquece de seus superiores destinos.

*

* *

Quando vejo os camisas-verdes pauperri-
mos morrerem defendendo a Bandeira Nacio-
nal contra os communistas, como aconteceu
em Baurú, em S. Paulo, em Cachoeiro do Ita-
pemirim; quando vejo a viuva de Spinelli, car-
regada de filhos, luctando na pobreza, porque
seu marido foi morto por essas mesmas balas
communistas que ameaçam permanentemente
os lares brasileiros e de todo o mundo; quando
considero o filhinho orpham de Jayme Guima-
rães, a dôr da familia de Sechini, que o viu
cahir, na flor da idade, victima de uma tocaia
sinistra dos communistas de Cachoeiro do
Itapemirim; quando penso nas criancinhas de
Rosica, tombado em Baurú, em 1934, quando
oitocentos bolchevistas gritavam: "viva a Rus-
sia e morra o Brasil!"; eu pergunto a Deus se
todo esse sacrificio não será sufficiente para
afastar de vossas cabeças, ó criminosos por
indifferença, ó criminosos por omissão, ó cri-
minosos por acção cruel contra os camisas-
verdes, ó criminosos pela transigencia, pela
ambição politica, pelo odio partidario, pela vai-

dade, pelo materialismo, os castigos de que vos tornastes merecedores perante a justiça divina!

Quando passo, porém, pela praia de Copacabana; quando vos vejo futeis e ôcos, perversos e commodistas, negligentes e displicentes, a tomar vosso cházinho nas casas chies; quando vos vejo sahir hypocritamente das igrejas, com a mesma cara com que vos entregaes ás “coquetteries” e facilidades improprias ao vosso estado civil e religioso; quando vos vejo, vadios, indolentes, novidadeiros e ridiculos, aboletados ás mesinhas de café do centro; quando vos observo, frivolos literatos, discutindo os ultimos livreços que a França judaizada nos envia, ou gastando o vosso tempo a coçar a sarna do vosso desprezível humorismo, ou a sorrir com um rictus alvar, em que se espelha o vosso espirito dyspeptico e o vosso scepticismo de decadentes; quando vos vejo, ó burguezes pôdres, e penso no sacrificio que os meus camisas-verdes estão fazendo por vós, chego a imaginar que Deus, na sua infinita justiça, não deverá poupar-vos.

*

* *

Todos os paizes estão apprehensivos. Todos aquelles que acreditam em Deus sentem que estão se approximando os tempos em que

cada qual deverá tomar o seu logar na esquerda ou na direita.

A esquerda é a violencia, é o golpe cruel, é o assassinio frio, é o defloramento em massa, é o saque organizado, é o massacre, é o incendio, é a blasphemia.

A direita é a união sagrada em torno da Bandeira da Patria, das tradições nacionaes, é a virtude, é a castidade, é o heroismo, é a religiosidade, é a delicadeza de sentimentos, é o pudor individual e colectivo, é o sacrificio, é a honra de uma Nação.

Chamem-nos de extremistas. Não somos extremistas da ambição e da violencia, mas somos extremistas da dignidade do Brasil. Somos extremistas em nosso amor a Deus. Somos extremistas no culto das virtudes.

Eu vos dirijo esta carta, ó inconscientes, para vos dizer que estou satisfeito commigo mesmo porque já cumpri o meu dever. O dever de falar claramente. Estou falando ha quatro annos. De tudo quanto tem acontecido tendes sido avisados por mim.

Falei, e não falei inutilmente, pois, pelo menos, levantaram-se algumas centenas de milhares de brasileiros. Esses, como eu, estão tranquillos deante de Deus e da Posteridade.

Não importa a nós, camisas-verdes, que passeis indifferentes por estas linhas que vos escrevo. Já tendes passado indifferentes, ó

burguezes, deante da morte dos bravos officiaes do Exercito e dos soldados que tombaram por vós, na revolução de novembro. Tendes passado indifferentes deante de todos os sacrificios, porque só pensaes no vosso dinheiro, no vosso automovel, no vosso palacio, nas vossas numerosas mulheres, nos vossos cavallos, nos vossos cães, nos vossos negocios, na vossa voluptuosidade. Passareis, tambem, frios e impassiveis deante destas palavras.

Ellas vos acompanharão, porém, de hoje para sempre, se as lerdas, e resoarão á vossa hora derradeira. Ellas só deixarão de gritar nas vossas consciencias, se tomardes immediatamente a resolução de abandonar todos os vossos prazeres, a vossa avareza, a vossa luxuria, o vosso egoismo, os vossos odios, a vossa preguiça, vindo formar com os integralistas, a columna verde deante da qual deverão quebrar-se as ondas de lama e de sangue que actualmente inundam a Hespanha.

*
* *

O Integralismo está formando uma atmosphera dentro da qual póde agir a Nação, respirando o oxygenio das virtudes nacionaes e o ozona dos sacrificios retemperadores da fibra de cada um.

Que este seja o meu aviso aos meus contemporaneos. Para que elle sirva de salvação, ou para que elle sirva de castigo, resoando, eternamente, como um bronze, aos ouvidos eternamente atormentados dos que fingiram não ouvil-o.

Inconscientes! Não é á ultima hora que se salva uma Patria! Ou conjuramos o perigo enquanto elle não é imminente, ou nada mais poderemos fazer quando elle estiver ás nossas portas.

Se algum dia chegarmos a isso, ter-se-á consummado o castigo, pois, de agora para sempre, eu entrego ao julgamento de Deus todas as injustiças, incompreensões e indifferenças que soffrerem os meus camisas-verdes. Que o Senhor tome conta delles e, tendo de enviar castigos, pelo menos poupe o maior numero possivel dos que soffrem ao meu lado pela redempção dos maus.

Filantes

Ha individuos que só fumam cigarros marca “se-me-dão”, isto é, não compram cigarros, apesar de serem fumantes, confiando sempre no vicio alheio. Acham que é incommodo carregar uma carteira de cigarros no bolso; mais incommodo ainda, gastar uns nickeis diarios para a manutenção do prazer: não acham, porém, nada desagradavel tirar uma baforadazinha á custa do dinheiro e do incommodo do proximo. Nas rodas dos fumadores, esses individuos teem o nome de “filantes”.

E’ filante tambem aquelle que espera o amigo na esquina, para que lhe pague o jantar, o automovel de volta para a casa, o café, a cerveja. E’ filante o que “tem bom cavallo” e chega precisamente nas horas de gozar um bom passeio, uma sessão de cinema, uma ceia, que alegres amigos lhe proporcionam.

Ha filantes de tudo: de livros, que tomam por emprestimo e nunca mais restituem; de gravatas, de perfumes, de armas, até de pennas

velhas e caixas vazias. Filantes de todas as categorias, de todos os generos, modos, tempos e casos.

Entre escriptores ha os que filam estylos, os que filam imagens, os que filam vocabulos. Sujeitos ha que se fazem até filantes de remedios e conheci um filante de enterros, que fazia subscrições para hypotheticos sepultamentos de inexistentes defuntos, gastando a funebre “vacca” em farras amaveis. Esse, certa vez, filando um enterro de segunda classe a um presidente de São Paulo, teve a má fortuna de o receber em especie, isto é, uma ordem á casa funeraria para que lhe fornecesse o caixão e o carro. Sahiu o nosso filante a procurar alguem para vender o enterro a preço modico e, com tanta sorte, que encontrou cliente, numa rua de Belemzinho, apurando o dinheiro de que precisava.

*

* *

O numero de filantes se multiplica nos dias de hoje, desde o que fila o jornal do vizinho de bonde, sobre cujos hombros se debruça para ler o suicidio da costureira em letras garrafaes, na ultima pagina, até ao que fila idéas do Integralismo para fazer discursos em que gasta á larga as phrases dos escriptores do Sigma.

Fila o sapeador por detrás do parceiro do jogo, e fila o D. Juan, que se dá ao sport dos flirts furtivos.

Vivemos numa época de filanças, de filas, de filantes.

Não é pois para se admirar hajam surgido os filantes dos sacrificios dos camisas-verdes.

Estes luctam, arriscam a vida batalhando contra o communismo, gastam seu tempo, gastam seu dinheiro, na defesa das sagradas instituições da Patria. E ha brasileiros que não os ajudam, justamente porque raciocinam: "Por que me hei de matar, se ahi estão os integralistas?"

Os integralistas defendem a familia. Por isso, paes, esposos, irmãos, filhos, em grande quantidade, dizem com seus botões: "Não ha perigo de serem as familias vilipendiadas, pois se o communismo vier, ahi estão os camisas-verdes para as defender; portanto, não preciso me amofinar". São filantes. Filantes do sangue de Rosica, morto pelos communistas em Baurú. Filantes do sangue de Spinelli, morto pelos bolchevistas na praça da Sé, em São Paulo.

Os integralistas sustentam o principio da propriedade. Exactamente por isso, homens que possuem propriedades, homens ricos, homens que vivem á tripa fôrra, dizem de si para comsigo: "Ora, se os communistas me querem

tomar tudo, ahí estão os integralistas que me defendem; não preciso, pois, dar um passo, que estou garantido". São filantes. Filantes do suor dos operarios que pagam mensalidades no Integralismo. Filantes do esforço dos moços, que fazem plantões nas horas de ameaça de perturbação da ordem. Filantes do nosso sofrimento, da nossa luta tenaz, do nosso cansaço, das nossas vigílias sagradas. Filantes dos nickeis dos pobres, com que mantemos esta batalha viva contra o Soviet. Mas filantes que estão muito enganados, se pensarem que, conservando-se assim, não serão um dia castigados pelos humildes que elles pensam estarem alistados como capangas de vadios, de indolentes e de avarentos.

*

* *

Os integralistas sustentam e proclamam o principio de Deus, as tradições christãs na Nacionalidade, estão de pé na defesa dos templos, que elles não permittirão que aqui se incendeiem como aconteceu na Hespanha. Por isso, exactamente por isso, muitos sacerdotes dizem com seus botões: "Estamos garantidos, devemos, por conveniencia, não ajudarmos esses camisas-verdes, mesmo porque se elles vencerem nos defenderão e em caso de revolução

communista estarão firmes em nosso soccorro". São filantes. Filantes das nossas intimas dôres, das amarguras, das perseguições que soffremos. São filantes da nossa intensa propaganda. São filantes do sangue de Guimarães, de Sechini, que morreram por balas communistas, defendendo as idéas sagradas de Deus, Patria e Familia.

O politico que está nos partidos e tem familia; o operario, que pôde ser escravizado pelo Soviet, como já foi seu irmão da Russia, que hoje trabalha 17 horas por dia; o intellectual, que poderá transformar-se em insecto, em borboleta, enfiado num alfinete, para a colleção dos bolchevistas; o lavrador, o homem das classes liberaes, todos os que, tendo o que perder, têm, principalmente, a liberdade a defender contra o Soviet escravizador, e que entretanto estão de braços cruzados, porque sabem que os integralistas luctam, trabalham, sacrificam-se atrozmente, são todos filantes nesta hora sagrada de angustias.

Que vergonha, meus patricios! Como são dignos de compaixão, mais do que de desprezo, os literatozinhos que discutem calmos; os chefes de familias, que descansam socegados; os burguezes, que gozam os prazeres da vida; os homens religiosos, que não cumprem o preceito evangelico da diligencia; os politicos, que gastam seu tempo nas intrigazinhas de parti-

dos, enquanto nós luctamos, nós soffremos, nós nos agitamos, nós vigiamos, nós affirmamos a vitalidade da Patria, nós aspiramos a gloria de vencer ou de morrer com o nosso Brasil!

*

* *

Camisas-verdes! Erguei as mãos para os céos e agradecei a Deus vos ter inspirado neste momento historico. Sois do numero dos que pagam as despesas, do numero dos que sahem armados na noite tenebrosa, enquanto as mulheres e creanças ficam no interior das casas, tremendo de medo porque os lobos se approximam.

Que importa haja filantes que vos filam o sangue, que vos filam a vida? Ao menos, podeis exclamar: “Nós, camisas-verdes, somos os homens da casa, na noite de pavor! Nós somos os que pagamos! Nós somos aquelles que damos e não recebemos. E, se assim somos, é por certo por sermos os mais fortes, os mais audazes, os mais conscientes e os mais capazes dentro de uma Nação!”.

Em face do diluvio

A revolução bolchevista de novembro tornou patente que havia infiltração comunista no Exército, e a prova é que se sublevaram varias unidades; que havia comunistas na Marinha, e tanto é certo que houve prisões de elementos dessa corporação; que havia comunistas na Camara dos Deputados e no Senado, o que se tornou evidente pela prisão de representantes do povo com assento naquellas casas do Legislativo; que havia comunistas no jornalismo, tão innegavel quanto se sabe que se encontram presos homens de imprensa; que havia comunistas nas Escolas Superiores e nas Secundarias, o que demonstram as prisões de professores; que havia comunistas nas repartições publicas, porquanto numerosos funcionarios foram agarrados pela Policia; que havia comunistas na alta administração do paiz, o que já não se póde negar em face da prisão de homens com as responsabilidades de dirigir os destinos de circumscripções da Repu-

blica; que havia communistas infiltrados em todas as camadas sociaes, em todos os sectores de actividades, em todas as profissões, em todas organizações, em todas associações, desde as de classe, cujas directorias foi necessario substituir, ás culturaes, onde muitos consocios se apresentaram compromettidos.

Nenhum partido politico, de quantos, municipaes ou estaduaes, exercem actuação no paiz, houve que se eximisse de trazer em seu bôjo os cavallos de Troya de Moscou. Em tudo e por tudo, ás escancaras ou subtilmente, o veneno sovietico se insinuou, penetrou, corroendo estruturas na apparencia intangiveis ou inattingiveis.

Só uma organização ficou illesa; só uma tessitura inatacada; só uma muralha impermeavel: a “Acção Integralista Brasileira”.

Eu desafio a todas as organizações supracitadas a que me provem que no seu seio não existiam communistas. Corporações civis ou militares, profissionaes ou culturaes, scientificas ou artisticas, sociaes ou politicas, cada uma das que ahi estão, nenhuma me demonstrará que passou incolume, sem um só elemento de sua composição que se não houvesse compromettido na obra indigna da annexação do Brasil á U. R. S. S.

Mas eu desafio tambem, a quem quer que seja, que me indique um unico Nucleo Integra-

lista do paiz onde houvesse alguem implicado na miseravel actividade sovietica.

Está demonstrado que o Integralismo é impermeavel. Que todos os elementos saudaveis do Exercito, da Marinha, das organizações civis, podem e devem confiar na "Acção Integralista Brasileira".

Razão de sobra tinha Dimitroff quando, na reunião da Internacional de Moscou, declarou que, para a conquista do Brasil pela Russia, urgia, antes de tudo, anniquilar o Integralismo, terrivel impecilho ás manobras do Komintern e do Partido Comunista.

A guerra que Moscou declarou aos camisas-verdes tem sua razão de ser: elles constituem uma força inquebrantavel, justamente porque é impossivel qualquer tentativa de permeabilização de sua estrutura.

*
* *

Ora, se o Integralismo é isso, podemos afirmar sem receio de engano: todos os que se declaram seus inimigos, das duas uma, ou são cretinos manobrados pelas forças secretas da Internacional moscovita, ou estão mancommunados com os bandidos da Tcheca e do Czarismo Vermelho.

Nós hoje vivemos dias nervosos, de expe-

ciativas cruéis. Ninguém sabe, ao certo, de que lado está o perigo. O que se sabe é que se conspira. Conspira-se por todos os meios e modos. Quem conspira? Ninguém sabe. A situação, porém, não precisa ser commentada: basta saber-se que foi prorogado o “estado de guerra”. E’ o Governo que, patrioticamente, põe a Nação de sobre-aviso. E’ o Parlamento que, em consequencia, proroga o indispensavel eclipse constitucional.

Sente-se no ar qualquer coisa. Como um scismographo, o Governo registra os vagos tremores. Onde se encontra o epicentro? As familias ignoram. O povo nada sabe. Mas todo o estado de espirito dos dias transcorrentes, é o estado de espirito dos dias em que Noé preparava a sua Arca.

*

* *

“Faze para ti uma arca de madeira de Gopher; e a betumarás por dentro e por fóra com betume”, diz a Sagrada Escriptura.

Naquelle tempo, todos riam das precauções de Noé. Quem acreditaria num diluvio?

E a construcção da Arca proseguia. Betume por dentro e betume por fóra. Para impermeabilizal-a.

Os commodistas sorriam gordamente: os

scepticos sorriam amarelladamente; os perversos gargalhavam bestialmente; os pretenciosos riam, exclamando: eu sei nadar!

E os martellos gritavam; e as serras serravam; e a construcção se levantava. Por dentro calafetavam-se as gretas, por fóra, tapavam-se as juncturas. Betume por dentro e betume por fóra.

A canicula abrazadora annunciava tempestade. No ar pesava o mormaço, carregado de electricidade. As nuvens se empolavam. Todos riam. A construcção da Area proseguia...

*

* *

Só existe uma coisa impermeavel ao Soviet: o Integralismo. Só existe uma coisa que o Soviet odeia: o Integralismo. Porque só existe uma coisa que exprime a consciencia esclarecida dos que vêem, ouvem, sentem, raciocinam, deduzem e concluem.

Nosso betume impermeabilizador é uma doutrina. Uma doutrina que gera uma mystica.

Sem mystica não se póde garantir nenhuma defesa nacional, nenhuma efficiencia da lucta.

Sabemos que ha muito patriotismo no paiz. Mas o nosso patriotismo, o dos camisas-

verdes, é o patriotismo organizado. Que adianta patriotismo disperso, sem direcção, sem technica, sem sacrificio e sem renuncia?

Nestas horas graves, é preciso que o sentimento da Patria se galvanize numa perfeita communhão de consciencias, de espiritos identificados por um ideal supremo.

O milagre do Integralismo é exactamente esse: ter organizado o patriotismo, ter racionalizado as vontades patrioticas, ter objectivado numa realidade tangente as reservas occultas das energias nacionaes.

Fóra do Integralismo não ha salvação.

Ou o Integralismo vence, ou a Nação morre.



Uma campanha nacionalista não se improvisa na hora do perigo. Trabalhei cinco annos (1926-1931) para formar os primeiros afloramentos de uma consciencia definitiva brasileira; trabalhei mais cinco annos (1931-1936), para concretizar em “facto historico” o estado de espirito que eu gerei nos primeiros cinco annos.

O “facto historico” não se inventa de uma hora para outra; elle é construido devagar, com paciencia, tenacidade, firmeza e convicção.

Tudo no Brasil será inutil como salvação

nacional, contra o communismo, se não se oppuzer á mystica vermelha uma outra mystica mais forte.

Contra a mystica do bolchevismo, só a mystica do Integralismo. Essa mystica já existe e levei dez annos para tornal-a uma realidade. Tenho sentido essa realidade, falando ao radio. Toda a carta geographica da Patria me escuta e os telegrammas que em seguida recebo passam diante de meus olhos como uma parada de almas despertadas, uma a uma, illuminadas, nesta obra firme de resurreição nacional.

Como se creou ISSO? Realizei milhares de conferencias; publiquei 18 livros, escrevi milhares de artigos; atravessei centenas de noites em claro, doutrinando os moços, ou trabalhando; viajei a minha Patria, de trem de ferro, de navio, de automovel, de canôa, a cavallo, de avião; estive em comicios tumultuosos, perdi companheiros em conflictos, realizei dezenas de congressos; lancei no paiz centenas de oradores, de escriptores; temos quasi 100 jornaes semanarios, 8 diarios, uma revista illustrada e uma de alta cultura; structurei uma vasta organização de assistencia social e fundei mais de 3.000 nucleos onde se faz doutrina e se executa um ritual uniforme, que identifica os espiritos; canções, hymnos são cantados desde o Acre ao Rio Grande do Sul, todas palpitando na mesma

mystica; mais de 1.000 escolas primarias integralistas alfabetizam e educam; a cultura physica desperta a mocidade para um sentido optimista de vida; multiplicam-se as nossas bibliothecas; nos navios mercantes, em mares longinquos, nas capitaes dos paizes da Europa e da America, ha Nucleos Integralistas onde brasileiros saudosos da Patria, commungam, á mesma hora, com o sertanejo de todos os sertões do Brasil, a mesma idéa, seguindo o mesmo ritual.

Tudo ISSO está feito. Em 8 milhões de kilometros quadrados, e ainda nos mares e nas terras estrangeiras. E tudo ISSO não se improvisa. E' preciso cerebro, coração, nervos, musculos, alma. E' preciso tempo, abnegação, sacrificio, paciencia, tenacidade, inquebrantabilidade. E' preciso, ao mesmo tempo, certeza e um pouco de instincto aventureiro; é preciso voluntarismo, livre arbitrio, mas tambem um pouco de sentimento de fatalidade. E' preciso prudencia e coragem. E' preciso cultura e simplicidade. E' preciso profunda comprehensão da tragedia humana e, ao mesmo tempo, o bom humor que evita a melancolia deprimente ou a impulsividade desastrosa.

*

* *

Somos uma força nacional. Intangível, impermeável, permanente, indestrutível, que se tornou a mais solida garantia da unidade da Pátria e da sua defesa contra o bolchevismo.

Essa força não foi o milagre de uma varinha de condão. Foi a realização de um esforço e de uma vontade firme.

Essa força eu não a obtive como quem ganhava uma somma num bilhete de loteria, ou como quem se enriquece pela herança de um parente rico. Sei eu o que ella me custou. Sei o que ella significa. Sei o que ella póde fazer pelo meu Brasil.

Por isso, deante do diluvio que ameaça a Nação, não tremo nem vacillo. E deante dos improvisadores da defesa nacional, nós, integralistas, sorrimos.

*

* *

Uma corrente de opinião, uma consciencia nacional, não se inventa com um decreto. Nem com medidas governamentaes. Nem com o prestigio de nomes ou de posições e cargos.

E' necessario, para se crear a mystica da Pátria, a unidade de um Pensamento e a longa permanencia de um sacrificio.

Todas as tentativas sossobrarão no Diluvio.
O Integralismo, porém, é a Arca da Aliança.

Dentro della, nos tabernáculos sagrados dos corações, todo o Pensamento e todo o Sentimento de um Povo.

Elles se salvarão no meio das tempestades.

Pola ley e pola grey

Surgimos com a Lei, pela Lei, para a Lei, respeitando a Lei, cultuando a Lei.

Como no escudo antigo das tradições luzitanas, podemos inscrever em nossos estandartes, que defendem a honra das famílias brasileiras contra o communismo deslavado e sem brio: — “Pola ley e pola grey”.

Dentro da Lei, surgimos; com a Lei marchamos; por ella nos batemos, na pureza do seu espirito, contra as chicanas grosseiras da demagogia.

Na Lei temos encontrado o nosso amparo; da Lei temos feito a nossa força. Da sua interpretação honesta temos deduzido a nossa norma de conducta. Leaes para com a Lei, della temos recebido a lealdade, pela vóz dos magistrados do Brasil.

Em Santa Catharina, no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Minas Geraes, no Espirito Santo, em Alagôas, em Pernambuco, jámais

gritamos que os magistrados da nossa Patria não nos soccorressem.

Victoriosos em todos os juizos, em todas as instancias e Tribunaes, a cujas portas batemos, queremos gritar bem alto, com toda a força da nossa fé, esta palavra em cujo timbre vibra a gratidão do Povo Brasileiro e o seu orgulho pelo Poder Judiciario que possuímos: o Brasil tem juizes!

Sim! O Brasil tem juizes. Elles não deixaram consumir-se um golpe vibrado contra a Patria. A decisão de hontem, no Superior Tribunal Eleitoral é o clarim da propria Justiça, ecoando por todo o territorio da Nação, a annunciar que o Brasil ainda é dos Brasileiros, que o Brasil venceu deante das cathedras da Lei, contra os representantes da Russia.



O espectaculo que se offereceu hontem, aos olhos attonitos da Nacionalidade, foi um espectaculo assombroso pela sua significação na hora presente. (1)

Hora bem tragica, em verdade. Hora em que se pretende, com os protestos dos ultimos

(1) O Partido Trabalhista, filiado á II Internacio-
nal, requereu ao Superior Tribunal Eleitoral o cancela-
mento do registro do unico partido nacional.

defensores da dignidade nacional, homenagear o conquistador Nassau, como se nós quizessemos dizer aos povos que o que nos interessa, como nação de escravos, são os melhoramentos materiaes, como aquelles que realizou o hollandez, ou realizam os conquistadores nos paizes conquistados.

Hora tragica em que sessenta patifes communitas da Hespanha, tripudiando sobre aquella infeliz Nação, se julgaram com o direito de se dirigir atrevidamente ao Presidente do Brasil.

Hora tenebrosa, em que os politicos, trahindo os mandatos que o povo lhes outorgou, cream difficuldades ao Poder Publico, impedindo-o de agir como é mistér, em relação aos communistas, e, ao mesmo tempo, pregam abertamente a guerra aos integralistas, justamente porque estes estiveram com o Governo Federal nos dias sangrentos de novembro.

E' nessa hora terrivel que se verifica, no mais alto Tribunal Eleitoral do paiz, uma scena que seria degradante, se a espada dos juizes não cortasse, com um golpe decisivo, a cabeça do monstro, hypocrita defensor de liberdades, que usou até mesmo do estratagemma do cavallo de Troya, para ferir bem no centro a cidadela da Justiça.

O julgamento do pedido de cancellamento da "Acção Integralista Brasileira", como

partido político é um espectáculo marcante dos dias que vivemos.

Comparece um accusado e um accusador.

Quem é o acusado?

— O Integralismo.

Quem é o accusador?

— O Partido Trabalhista Brasileiro.

— Que é o Integralismo?

— Segundo seus estatutos, é um partido nacional.

— Que é o Partido Trabalhista?

— Segundo seus estatutos, é um partido internacional.

E' um estrangeiro accusando um brasileiro. E' um agente do internacionalismo, accusando o nacionalismo. E' a doutrina de Marx, accusando os principios christãos da nossa Patria.

*

*

*

Christo foi levado ao Tribunal pelos seus proprios compatriotas. Mas, neste caso, a scena se torna mais revoltante: uma entidade brasileira é arrastada á barra do Tribunal por uma entidade estrangeira, confessadamente estrangeira, que obedece á II Internacional, que néga a Patria e nega a Deus.

*

*

*

O Integralismo comparece perante o Pretorio.

— O seu crime?

— Amar o Brasil.

— A data do seu nascimento?

— O dia em que a idéa separatista havia perturbado os espiritos dos moços em São Paulo, enquanto, por outro lado, communistas dissimuladamente assumiam postos da administração publica e se infiltravam no Exército, em todo o paiz.

— Onde se encontrava á hora em que se diz ter verificado o crime?

— Concentrado nos 3.000 Nucleos do paiz, á espera da palavra de ordem do Presidente da Republica, ao qual foi feito o offerecimento de cem mil homens, promptos a derramar o sangue pela honra, pela soberania do Brasil.

— A sua filiação?

— Os outros partidos, que ahi estão registrados, são filhos das Provincias onde exercem suas actividades; o Integralismo é filho da Patria Brasileira, da Patria Total.

— Accusam-n'o de querer abolir a liberdade: que diz a isso?

— Queremos abolir a liberdade dos que assassinam seus irmãos de farda, trahicoeira-mente; queremos abolir a liberdade daquelles que ensinam aos moços a doutrina do mate-

rialismo grosseiro, do atheismo cruel; queremos abolir a liberdade dos que conspiram nas sombras contra a Ordem Publica; queremos abolir a liberdade de se attentar contra a liberdade; queremos abolir a liberdade dos costumes torpes, do castinismo, da prostituição, da jogatina, dos desfalques, das velhacarias, dos latrocinios, das brutalidades, do desrespeito á Bandeira Nacional, da violencia, da estupidez e do crime.

— Accusam-n'o de inimigo do Direito; que diz a isso?

— Não queremos que o Direito, sempre novo na consciencia dos juristas e magistrados, fique ao relento e á intemperie, numa casa esburacada e sem telhado, que é a estrutura politica e social que o contem; não queremos que nenhuma força exterior possa agir fóra do Direito, isto é, fóra do Estado, que é a Nação juridicamente organizada; queremos vitalizar o Direito, livrando-o das falsas hermeneuticas, dos sophismas grosseiros, dos interesses occultos dos inimigos da Patria e delle proprio, e que nelle se infiltram até no recinto augusto dos Tribunaes do paiz.

— Acusam-n'o de inimigo do Regimen Republicano Federativo; é verdade?

— Somos inimigos de todas as hypocrisias que querem desarmar, escravizar, triturar e pulverizar o Regimen Republicano Fe-

derativo; queremos, não derrubar o regimen, porém, fortalecel-o contra o assalto de seus fingidos defensores, que se levantam contra o Integralismo por ser este o unico impecilho ás traições e crimes que se premeditam contra a Ordem.

— Quaes as normas das suas actividades no paiz?

— A Constituição da Republica, a Lei Eleitoral, a Lei de Segurança Nacional, cujos termos respeitamos e a cujas regras de conduta sempre nos subordinámos em todo o territorio do Brasil.

— As provas?

— Já elegemos em alguns Estados, onde se processam eleições, mais de quatrocentos vereadores ás Camaras Municipaes, algumas dezenas de prefeitos, varios deputados estaduais e um federal. Ganhámos mais de meia centena de “habeas-corpus” e mandados de segurança, nos juizos e tribunaes do paiz; tivemos elogios do Chefe de Policia da Capital da Republica, do ha tempos Chefe do Estado Maior do Exercito e do proprio Presidente da Republica, que declarou estarmos agindo dentro das normas legaes.

— Conhece o seu accusador?

— Não; mas conhecemos os seguintes livros, que nos levam a distinguir perfeitamente os nossos accusadores: “Extremismo, doen-

ça infantil do marxismo”, de Lenine; os “Protocollos dos Sabios de Sião”, assim como os Annaes do Congresso Communista de Buenos Aires, o discurso de Dimitroff na Internacional de Moscou, no anno passado, a carta de Luiz Carlos Prestes, que confirma a palavra de Dimitroff, a qual aponta no Integralismo o unico impecilho grave á avanzada vermelha. Não temos, pois, a menor duvida quanto á identidade do nosso inimigo, embora elle se encontre no vestibulo e no recinto dos Tribunaes Brasileiros, trazendo accusações contra o Integralismo.

*

* *

Está deante dos juizes o Integralismo. Traz a camisa-verde. Ao seu lado, o seu accusador esconde, por baixo do paletot, a camisa-vermelha. Em torno do Integralismo, 100.000 crianças, que frequentam suas escolas de alphabetização; dezenas de milhares de opilados, de impaludados, de caboclos enfermos, que recebem tratamento de seus postos de assistencia medica; mais de 100.000 rapazes, que abandonaram os vicios, os divertimentos futeis, e entregam-se aos exercicios de cultura physica, ao estudo dos problemas nacionaes; mais de cem mil senhoras e moças

que se empenham, como enfermeiras, professoras, visitadoras de bairros humildes, na obra social portentosa do movimento do Sigma; centenas de milhares de homens de todas as condições e edades, sonhando a grandeza do Brasil; multidões cantando o hymno da Patria; militares, consciences dos deveres da disciplina; sabios, professores, scientistas, escriptores, que depositam as ultimas esperanças do Brasil nessa ressurreição nacional; humildes, outr'ora abandonados nos morros, nas viellas das grandes cidades, ou nos confins do sertão, e que agora fizeram desta esperança verde a sua suprema alegria...

*

* *

Grandioso espectaculo! O Brasil accusado pela Russia. A Russia, em pleno estado de guerra que contra ella se decretou, comparecendo para accusar brasileiros perante juizes brasileiros! Um Partido Internacional pleiteando o cancellamento de um Partido Nacional!

Mas o Brasil ainda tem Juizes. O Superior Tribunal Eleitoral resolveu não tomar conhecimento do pedido. Em pleno desse julgamento luminoso e digno, digno sobretudo, para a hora em que vivemos, alguém se desta-

ca, exprimindo toda a repugnancia nacional contra os trahidores da Nação.

E' o Ministro Plinio Casado.

Essa vóz, que se fez ouvir tantas vezes, como um toque a rebate pelas liberdades publicas; essa vóz cujo timbre ficou para sempre gravado nos ouvidos dos brasileiros, como uma expressão sonora do brio da nossa gente; essa vóz que é tambem indice de cultura, de illustração, de intelligencia que não se deixa illudir pelas manobras machiavellicas dos que pretendem, sorrateiramente, gretar os alicerces da Patria, para encher os vãos de dynamite moscovita; essa vóz que é, principalmente, a vóz de um jurista, de um juiz integro, illuminou hontem, toda a Patria, como a luz de um relampago durante o qual se viram, nitidamente, na treva e na confusão, os relevos nitidos das trincheiras inimigas e a ponta dos fuis voltados contra o peito do Brasil!

Os votos de Laudo de Camargo — sobrio, elegante, firme; o voto de Collares Moreira, energico, digno, esclarecido; o parecer do Procurador da Republica, destemido, com a tonalidade alta que nunca faltou á palavra de Armando Prado, cercaram aquella attitude clarividente e decidida de Plinio Casado, do prestigio maximo.



O Tribunal não tomou conhecimento do pedido de cancellamento da "Acção Integralista Brasileira".

O Brasil existe! Sim! Elle não está apenas nas manifestações populares, nas acclamações com que as multidões ovacionam a passagem da bandeira azul e branca desfraldada pelo Integralismo, na defesa do culto de Deus, da Patria e da Familia. O Brasil está na consciencia dos magistrados da Patria. Vive e palpita nas suas almas. Resplandesce nas suas decisões.

Sim! Não é preciso que, neste paiz, os que querem viver dentro da lei, trabalhando pacificamente pelo engrandecimento da sua Patria, lancem mão de methodos violentos. Os methodos violentos não se justificam, nos paizes onde existem magistrados, onde os Tribunaes estimulam aos amigos da Ordem, a defenderem essa mesma Ordem, dentro das leis vigentes.

Desgraçados os paizes onde não ha mais juizes. Porque então, a sêde de justiça, o terror da Nacionalidade deante da possibilidade de cahir em mãos de estrangeiros, ou de submeter-se a um regimen que destróe tudo o que ha de mais delicado no genero hu-

mano (liberdade religiosa, culto da familia, liberdades privadas e publicas, soberania nacional, tradições moraes), vae buscar, em extremo desespero, o caminho tragico das decisões violentas.

O Brasil não está nesse caso. Assim o demonstrou o Superior Tribunal Eleitoral. A Justiça em nossa Patria jámais nos enviou para o campo do desespero, onde a dôr da injustiça suggere os gestos allucinantes; ella sempre nos disse: "Podeis continuar, como tendes feito; estaes com a lei, a lei vos ampara e defende" .

E, com a lei, pela lei, para a lei, respeitando a lei, elevando a lei, aqui estamos. Onde houver um perseguidor, hade haver um juiz. Onde houver um juiz, haverá coragem deante do malvado e castigo para os oppressores.

*

* *

A nossa marcha é a marcha da Nação. Nella, como arca da Alilança, levamos as Taboas da Lei. E a intangibilidade dessas Taboas da Lei é garantida e sustentada pelos sacerdotes do Direito. Um dia, no templo sagrado de uma Patria Maior, os sagrados tabernaculos da Justiça terão um resplendor offuscante. Como um sol, illuminando os destinos do Brasil.

Perante o Tribunal da Historia

Escrevo estas linhas, meus caros camisas-verdes, como subsidio para a Historia da nossa Patria. Um dia, o historiador terá de estudar este momento que atravessamos. Dentro deste momento, a Posteridade encontrará o Integralismo. Terá de estudal-o, na sua significação, na sua extensão, no seu volume, na sua projecção nacional e na sua repercussão no estrangeiro. Terão, ainda os posteros, de estudar, na hora presente, o surto communista, a penetração da propaganda e das organizações secretas de Moscou. O critico da Historia examinará o que representou o Integralismo como reacção do organismo nacional penetrado do virus deleterio da corrupção. Estudará a actuação dos partidos de governo. Deduzirá conclusões para os julgamentos que pertencem ao Futuro.

Escrevo, pois, estas linhas, não para vós, nem para os nossos contemporaneos, porém, para aquelles cujo julgamento será definitivo,

em face de tudo o que ainda póde acontecer no Brasil.

Não estou compondo um artigo, não estou nem louvando, nem commentando, nem julgando, pois louvor, accusação, commentario, "veredictum", a mim não me pertencem, que sou parte no feito, nem me competiria antecipar aquillo que a seu tempo chegará.

Quero, aqui, apenas, registrar factos, para que não haja enganos de futuro e se conheçam, com exactidão, as posições assumidas e as responsabilidades definidas nesta hora incerta.

*

* *

O Integralismo está sendo perseguido na Bahia, em Minas Geraes, no Paraná, no Rio Grande do Norte, como já o foi, até ha pouco, em Santa Catharina.

Escrevo estas linhas no anno de mil novecentos e trinta e seis, no mez de abril, dia 24, em que recebi um telegramma do nosso chefe provincial do Paraná, annunciando que o governo do Estado acaba de determinar o fechamento de todos os nucleos integralistas no territorio paranaense.

Nesta mesma ocasião, recebo numerosas cartas da Bahia, desesperadas, afflictas, de camisas-verdes do sertão (região de Canudos), das zonas do cacáo e do tabaco, e varios pontos do litoral, communicando tudo quanto alli estão soffrendo os integralistas: vexames, violencias, restricções a todas as liberdades.

Tambem, nesta data, os jornaes do Rio publicam um officio do chefe de Policia de Minas Geraes, á Côrte de Appellação, attendendo ao pedido de informações daquelle tribunal em autos de "habeas-corpus", impetrado a favor de camisas-verdes da pequena cidade de Jacutinga, presos illegalmente, officio em que aquella autoridade informa que os integralistas em questão tramam contra a segurança do Estado. O chefe de Policia declara não poder revelar as provas da tremenda conspiração dos moços de Jacutinga, cidadezinha cujo nome só agora está em fóco, em razão da importancia que lhe deu nestes oito milhões de kilometros quadrados a policia de Minas Geraes.

Neste mesmo dia 24 de abril de mil novecentos e trinta e seis, V Anno da Era Integralista, o Chefe de Policia da Capital da Republica, na vigencia do "estado de guerra" decretado pelo Chefe da Nação, declara em carta, que se tornou documento publico, pelas columnas do jornal A OFFENSIVA, contem-

poraneo destes acontecimentos, o seguinte ao sr. Madeira de Freitas:

“Respondendo sua carta de 15 do corrente, na qual V. S. me pede para dar o meu testemunho de que a Acção Integralista Brasileira nenhuma restricção ou constrangimento tem soffrido, no Districto Federal, mesmo com o “estado de guerra”, pelo que vem e continúa funcionando em todos os seus departamentos, tenho a satisfação de declarar a V. S. que, de facto, nenhuma restricção foi feita ou determinada, por esta chefia de Policia, com relação á A. I. B.

Esta orientação foi adoptada, por se tratar, no caso, de um partido politico, legalmente registrado no Supremo Tribunal de Justiça Eleitoral, e que, até o presente momento, tem feito sua propaganda dentro da ordem, nada justificando, portanto, uma accção repressiva contra o mesmo.

Com alta estima e consideração, sou de V. S. patricio e ad. att.º — (a) *F. Muller*”.

*

*

*

Não quero, de modo nenhum, julgar aquelles perseguidores do Integralismo e este Chefe de Policia, cujo nome é Filinto Muller, e que se exprime pela fórmula acima.

Não me compete julgar o Integralismo. Não me esqueço da carta que Plinio, o Moço, governador da Bythinia, dirigiu ao Imperador Trajano, sobre os christãos. O autor das "Cartas", espirito atilado, comprehendeu que não deveria avançar um juizo, sendo contemporaneo dos factos de que tratava. Sua missiva é meramente expositiva.

E hoje eu não estou escrevendo como Chefe do Integralismo, e sim, offerecendo um testemunho aos historiadores do Futuro. Esses, estudarão o que foi o Integralismo, o que elle pretendeu (e posso dizer mesmo o que elle realizou, pois, a nossa victoria agora se tornou fatal, depois das perseguições). E é bom que os historiadores saibam quaes os perseguidores desse movimento e quaes as autoridades que não agiram contra elle.

Andará bem o sr. Filinto Muller, ou andarão bem os governadores e chefes de policia provincianos que assim se collocam em attitude tão opposta e desprestigiante do Chefe de Policia da Capital da Republica?

Tambem varios Tribunaes e numerosos Juizes têm concedido "habeas-corpus" e mandados de segurança aos camisas-verdes. Esta-

rão elles andando certo, ou certos se encontram os que violam as liberdades dos integralistas?



Informo ainda aos historiadores do Futuro que o nosso programma está contido nos Estatutos com que nos registrámos como partido politico nacional. Informo que somos o unico partido nacional. Informo que temos cooperado com o Chefe de Policia da Capital da Republica, com os commandantes de regiões militares e delegados de policia de todo o paiz, na manutenção da ordem, todas as vezes em que os communistas ameaçam dar seus golpes. Informo que tenho tido entendimentos pessoaes com varios commandantes de regiões militares, ora para combinar accção conjunta na repressão do communismo, ora para receber agradecimentos por serviços que os integralistas têm prestado á sustentação das autoridades da Republica. Informo ainda ao historiador que, na Bahia, onde estamos sendo perseguidos, nossa actuação foi efficientissima, contribuindo para evitar o surto bolchevista em novembro. Informo que o mesmo se deu no Paraná e em Minas Geraes. Informo que posso provar isso no momento que for necessario. Informo que telegraphiei ao pre-

sidente da Republica em novembro, offerecendo-lhe cem mil homens para a defesa do Governo. Informo que o presidente da Republica me agradeceu num bellissimo telegramme em que enaltece a attitude dos camisas-verdes. Informo que os politicos e os jornalistas, a soldo da politicagem, declararam não acreditar que eu dispuzesse desse numero. Informo que, logo em seguida, a Justiça Eleitoral se incumbiu de responder-lhes, pois já apurou nas diversas Provincias, perto de trezentos mil votos integralistas nas eleições municipais. Informo que o Integralismo é registrado como partido nacional, no Superior Tribunal Eleitoral. Informo que o Integralismo já elegeu deputados federaes, estaduaes, prefeitos, vereadores e juizes de paz. Informo que existe neste anno da graça de 1936, na Capital da Republica, uma policia chefiada pelo capitão Muller, que é a melhor do Brasil, e que essa policia nunca descobriu nada contra o Integralismo, como se viu da carta que publicamos atraz.

*

*

*

Informo, finalmente, ao historiador que, neste anno da Era Christã de 1936, eu já acre-

ditava, debaixo das mais tremendas perseguições, na victoria do Integralismo.

Essa victoria não poderá faltar, porque o Integralismo representa hoje a ultima esperança de uma Patria, a unica salvação do Brasil, que não deve, não póde e não quer se perder.

Extremismos ?

E' preciso, de uma vez para sempre, que os homens de responsabilidade que se referem ao "extremismo" expliquem ao povo brasileiro o que entendem por esta palavra.

Digo homens de responsabilidade, isto é, aquelles que occupam elevada posição politica ou administrativa, pois os homens sem responsabilidade inherente aos cargos em que se evidenciam não têm o dever moral de explicar ao povo as palavras ambiguas que expendam.

Nós, integralistas, que costumamos falar claro, alto e bom som, aquillo que pensamos, temos o direito de exigir dos que pretendem implantar confusão no espirito nacional que assumam uma attitude definida em face dos acontecimentos e das circumstancias actuaes do paiz.

Ha certos homens publicos que, precisando, para cortejar as classes burguezas e os demagogos eleitoraes, tomar posição no com-

bate ao communismo bolchevista, e temendo, por outro lado, que o communismo possa ainda vencer, usam dessas meias tintas, com que illudem a bôa fé de muitos e lisonjeiam a má fé de muitos mais.

Então, em vez de dizer claramente que é preciso combater Moscou, com toda a sua bagagem de liberaloides creadores de difficuldades ás sancções contra o crime, exclamam, com os olhos revirados para cima, em gestos patheticos: "E' preciso combater os extremismos!"

*

*

*

Nós sabemos muito bem o que elles querem dizer. Em bom portuguez, é o seguinte: "Caros camaradas communistas! A situação é critica para mim, neste momento, pois não posso perder a posição que occupo. Ora, neste instante, sou forçado, muito a contragosto, a vos combater. Não podendo deixar de o fazer, carissimos camaradas de Moscou, annullo completamente esta campanha, combatendo, tambem, os vossos peores inimigos, os integralistas. Não leveis isto a mal, amantissimos proselytos de Lenine. Reparae que, assim, eu vos presto melhor serviço do que se ficasse quieto. Bem sabeis quão importunos são esses camisas-verdes, que o camarada Dimitroff

propoz que se exterminasse na mais recente assembléa internacional. Esses integralistas tolheram vossos passos em novembro ultimo. Constituem um impecilho á vossa marcha. Eu, então, para tapear os íolos, vos combato, mas trato de encambulhar comvosco os vossos mais terriveis adversarios”.

Assim procedendo, os pseudo-inimigos do bolchevismo dizem com seus botões: “Se o communismo vencer, não fico tão mal...”

*

* *

E’ preciso, porém, que o povo brasileiro, para definir o que seja o “extremismo”, leia com attenção a Lei de Segurança Nacional e a Constituição da Republica.

Que é extremismo? E’ a propaganda de methodos violentos, ou o emprego dos methodos violentos para se apoderar do governo.

Por que é que o communismo é extremismo? Porque adopta a technica da violencia, a technica do golpe de Estado, a technica de Sorel e de Lenine, a surpresa, o assassinio, o terrorismo, o incendio, o saque.

As idéas nucleares do communismo, as que se referem á estrutura do Estado, são consideradas “extremismo” pelos governos liberaes-democratas? Não. E a prova que não

é que se toleram partidos sociaes-democratas. Que é a social-democracia? E' o proprio communismo, segundo os methodos politicos de Kaustsky e Pleckanov, isto é, os methodos electoraes e parlamentares. E' a propria doutrina socialista de Marx, seguindo o caminho da evolução, em vez de seguir o caminho da insurreição. Logo, os governos liberaes-democraticos toleram e legalizam o communismo branco, o communismo habilitoso.

E a prova que toleram é que, em França, pelos methodos electoraes, chega ao governo um judeu socialista, Lebrun; em Hespanha, o judeu socialista Azaña governa o paiz e deixa os bolchevistas agirem á vontade; no Mexico, de etapa em etapa, a Nação vae para o socialismo marxista.

*

*

*

Aqui mesmo no Brasil, as leis só capitulam como "extremismo" os actos inequivocamente preparatorios para o golpe de Estado, a propaganda de guerra e de methodos violentos.

Pergunto: o Integralismo já fez isso? O Integralismo tem pregado outra cousa a não ser o respeito á Ordem, a marcha da Nação, no rythmo eleitoral, para a realização da democracia perfeita, isto é, a democracia corpo-

rativa? Algum dia fomos surpreendidos si-
quer a conspirar?

Pelo contrario. Muitos politicos da oppo-
sição e muitos do governo, em outras opportu-
nidades, em outras circumstancias, souberam,
por experiencia propria, que o Integralismo
não estava mettido nas conspirações pelas
quaes elles torciam. Os dignos commandan-
tes de Regiões Militares, cujo testemunho ho-
nesto eu pediria no dia em que fossemos cla-
ramente accusados, sabem o que fizemos em
novembro. Se, por dever de lealdade, de ethi-
ca, de cavalheirismo, calo esses factos, é por-
que conto com sua lealdade, ethica e cava-
lheirismo, no dia em que fossemos accusa-
dos.

O sr. chefe de Policia da capital do Paiz,
gerenaes illustres, em cargos eminentes; ma-
gistrados impollutos; prelados venerandos; e
o proprio sr. presidente da Republica disse-
ram, em tempo opportuno a sua palavra sobre
o Integralismo, como factor de ordem, como
movimento de cultura, de união nacional, de
equilibrio, de bom senso e de respeito ás leis.

✽

* *

A que “extremismos” se referem essas
personalidades illustres, que parece terem

horror de pronunciar a palavra “communismo”?

Se ha outro “extremismo” além do moscovita, talvez seja o dos partidos estaduaes, useiros e vezeiros em revoluções armadas e tentativas de assumir o poder pela violencia.

Chefiando o Integralismo, posso falar de cabeça erguida a todos os brasileiros. Os accusadores do Movimento que estou chefiando em defesa dos lares da Patria, das Tradições Nacionaes, da dignidade do Brasil, todos, sem excepção, já conduziram ou tomaram parte em revoluções armadas, portanto praticaram actos caracterizados pela Lei de Segurança Nacional como “extremismo”. Eu nunca tomei parte, nunca chefieei, nunca applaudi revolução nenhuma no paiz, porque sempre entendi que a obra fundamental, a obra de responsabilidade é aquella que vise formar a consciencia nacional, crystalizar um pensamento philosophico, traçar um roteiro seguro, e isso não se faz com badernas e mashorcas e, sim, com trabalho desambicioso e soffrimento perseverante.

Em 30, a minha palavra foi a mesma de 32: é preciso educar, educar, educar. Hoje, accrescento outra palavra: educar e vigiar. Sim, porque por falta de educação das massas, pela desorientação creada pelos responsáveis pelos destinos do Brasil, chegámos á

beira de perigos terríveis. Hoje, temos de educar, com uma sentinella á porta da Grande Escola. Porque se os hunos de Moscou pretenderem, ainda, destruir o que ha de mais caro ao povo brasileiro, a Grande Escola de civismo, de moral, de dignidade, de espirituallismo se transformará, instantaneamente, em grupos de combate e saberemos morrer, pela honra do Brasil.

Se isto fôr chamado “extremismo”, então não sei mais o que significará dignidade. E se a dignidade deve ser combatida, então é porque estamos nas vespervas de um suicidio nacional.

Os verdadeiros extremistas

E' bem curiosa a logica dos jornaes que atacam systematicamente o Integralismo. Tudo o que normalmente acontece nas luctas partidarias de quaesquer facções liberaes democraticas, em acontecendo com os camisas-verdes, é pretexto para que sejam elles taxados de extremistas.

O extremismo é palavra que não anda bem definida nos dictionarios e nas leis. Paire uma grande duvida acerca de sua interpretação. No caso do Integralismo, ha uma logica especial, "made in London" ou "made in Moscov", para o julgamento dos actos dos camisas-verdes, em face de identicos actos de liberaes-democratas.

Assim, vejamos.

*

*

*

Por occasião do pleito eleitoral entre os srs. Getulio Vargas e Julio Prestes, houve uma

chacina em Montes Claros, um tiroteio em que pereceram varias pessoas e do qual sahiu ferido o então vice-presidente da Republica Mello Vianna. Isso não é extremismo.

Em 1934, os camisas-verdes são metralhados na Praça da Sé, em S. Paulo. Agora, isso é extremismo. Da parte de quem? dos agredidos...

*

*

*

Na capital do Espirito Santo, tambem em 1930, houve um conflicto entre liberaes democraticas das facções em lucta, morrendo diversas pessoas. Isso não é extremismo.

Em Baurú, em 34, os communistas tiroteiam os integralistas, morrendo um camisa-verde e ficando feridos diversos. Neste caso, é extremismo. Quem o pratica? Aquelles que foram alvejados, isto é os camisas-verdes.

*

*

*

Em 1923, ha um conflicto em Palmital, Provincia de S. Paulo, no dia de uma eleição para vereadores. Morrem diversas pessoas. Pois bem, isso não é extremismo.

Em 1935, os bolchevistas atacam a séde do nucleo integralista de Petropolis e são re-

chassados. Que horror! Mas isso é extremismo! Quem são os extremistas? Os que foram assaltados...

*
* *

Em 1929, na cidade de Andradas, em Minas, por causa de politicagem local, ha mortos e feridos, coisa identica ao que aconteceu em Jaguary, no mesmo Estado. Isso não é extremismo.

Em 1935, em S. Sebastião do Cahy, os integralistas são tiroteados pelos politicos locaes. Agora isso é extremismo. Da parte de quem? Mas é logico: da parte dos que foram tiroteados.

*
* *

Em 1895, em Araraquara, ha uma mortandade por causa de politica. Mas isso não é extremismo. Acontece que, em 1935, em Guariroba, os camisas-verdes, quando falavam, foram alvejados a tiros de carabina; mas, Senhor, isso é extremismo e do vermelho! Por parte de quem? Pois não estão vendo? Por parte dos que foram alvejados!

*
* *

Em 1910, no largo de S. Francisco, na capital da Republica, ha um cerrado tiroteio, morrendo o estudante Junqueira, tudo por causa da politica liberal democratica. Chamaram até a esse conflicto, “primavera de sangue”. Mas isso não é extremismo.

Em 1933, na praça Pinto Lima, em Nicttheroy, os integralistas são aggredidos, num comicio, pelos sovieticos. Agora, sim, trata-se do extremismo. E quem são os extremistas? Então é preciso perguntar? Logo não se vê que são os aggredidos!

*

* *

Em 1909, em Ouro Fino, ha um tremendo choque entre adversarios de partidos locais em disputa do mando. Morre gente. E isso não é, nunca foi extremismo.

Em 1936, em Jacutinga, a séde de um nucleo integralista é invadida por um grupo de aggressores, que são rechassados. Está visto, trata-se de um extremismo, por parte daquelles cuja casa foi assaltada.

*

* *

Em 1929, em Princeza, Provincia da Parahyba forma-se uma verdadeira revolução,

por motivos politicos regionaes de partidos liberaes democraticos. Mas isso não é extremismo.

Em 1935, em Cachoeiro do Itapemerim, os communistas, de tocaia, abrem fogo sobre um caminhão que passava pela estrada levando camisas-verdes. Agora, isso é extremismo do peor possivel. Os culpados? Pois não estão vendo? São os que vinham no caminhão, isto é, os integralistas.

*

* *

Em 1910 ha os maiores disturbios no Ceará, por motivos partidarios. Isso não é extremismo. Agora, si no mesmo Ceará, os communistas se chocam com os defensores da Patria então se trata de extremismo. Quem são os extremistas? E' evidente que são os camisas-verdes, que defendem a honra nacional, e não os communistas.

*

* *

Em 1892, são mortos num trem, por motivos politicos, o Barão de Serro Azul e seus companheiros. Isso não é extremismo. Porém, no anno de 1933, em Panelas, Pernambuco, mata-se um pae de familia pelo crime de

vestir a camisa-verde. Isto sim, é extremismo. Quem é o extremista? O assassinado, isto é, o camisa-verde.

*

* *

Seria citar factos sobre factos. Já se viu, por estes, o criterio dos jornaes que nos atacam, a nós, os camisas-verdes.

Diante disso, que definição daremos de extremismo? Talvez a seguinte: "Extremismo é todo acto de violencia que não for praticado pelos partidos liberaes democraticos".

Qualquer conflicto, rôlo, sururú, turumbamba, chacina, tiroteio, briga, mortandade que se verificarem em consequencia de disputas politicas da liberal-democracia, são actos innocentes, sem nenhuma gravidade, absolutamente normaes no regimen.

Si os que brigam, conflictam, tiroteiam, chacinam, matam, estripam, não pertencem sacramentalmente a um dos partidos politicos, seja o do governo ou o da opposição, cumpre verificar quem foi a victima. Constatada a existencia de uma victima, ou de alguem que agiu em legitima defesa, passar-se-á a ella o attestado de extremista.

E... revogam-se as disposições em contrario.

O drama de um heróe

— Eil-o, finalmente!

Meus olhos dão sobre a sua photographia. Meu coração se aperta. E' o meu inimigo. E' o polo opposto. O antipoda.

E, entretanto, nenhum odio me exalta. Nenhuma alegria por vel-o assim, preso, vulgarmente, numa scena sem romantismo e sem brilho.

Sinto, mesmo, um vago abatimento, uma tristeza surda. Possivelmente vae, nessa tristeza, a dôr da admiração perdida, esphacelada irremediavelmente. Talvez, no fundo desta melancolia, tenha despertado qualquer cousa como si fosse uma velha amizade, que, agora, transborda em compaixão.

Foi-se a ultima illusão que me restava. Porque nunca o pude comprehender sinão como um forte. No começo, como amigo, commungando a mesma ansiedade, a mesma tortura que a todos nos abalou nos annos de 1923 a 1930; depois, como inimigo, como con-

traste, força negativa em perpetuo atricto com as energias que eu desencadeára para accordar nossa Patria.

Amigo ou inimigo, nunca lhe fui indifferente. Quando nossa idéas se approximavam, desejei vel-o bem alto e ennobrecido; quando elle se transviou eu o imaginei, lutando, como eu, a grande batalha, mas com esta autonomia que me reservei, chefe contra chefe, ambos jogando com a Morte e o Destino, a tremenda cartada.

Muitas vezes cheguei a pensar: este Brasil oscilla entre as pontas de um pendulo; será delle ou será meu e nisto jógo a minha vida, como joguei todos meus interesses pon-do nesta partida a honra de uma Nação.

*

* *

E, assim, eu o julgava um chefe, de facto. De tempos para cá, extranhei a sua ausencia. Algum mysterio devia pairar nessa attitude singular de desaparecido.

Na revolução de novembro, acreditei que se revelaria, que surgiria, afinal, diante da massa. O furacão passou numa rajada. Tombaram mortos. A Patria ensanguentou-se. Houve prisioneiros. Elle, porém, continuou a

ser, contra todo o seu passado, contra toda a sua gloriosa bravura, o incognito....

Em certa época, nada impedia que elle apparecesse. Amnistiado, poderia enfrentar as turbas, falar ás grandes massas. Mas, não appareceu.

Que seria feito desse homem? Seus adeptos não se cansavam de exaltal-o. Seu nome continuava a ser uma bandeira. Porque não surgia para falar ao povo?

Seria uma injuria attribuir-lhe qualquer receio indigno. Sua coragem nunca fôra desmentida.

Então, elle não era aquelle mesmo que, na hora em que periclitava a honra nacional dos revolucionarios, sustentou aceso o facho da rebelião, como si a propria dôr do Brasil passeasse, proceSSIONalmente, pelo mappa da Grande Patria?

A marcha da Columna que elle commandára significou, numa hora tragica, a symbolica serpente de fogo, passeando sobre o corpo inanimado de uma Nação, como a despertar-a de um lethargo. Symbolizava bem nossa inquietação, nosso desespero, porque não tínhamos, nós, os espiritos inquietos, encontrado o caminho necessario.

*

*

*

Naquella occasião, lembro-me bem, eramos uma turma de moços, em S. Paulo. Todas as noites nos reuníamos e discutíamos. Nossos corações se torturavam. A geração precedente não soffrera afflicções, não se atormentára diante de nenhum problema. A nossa desesperava-se, não apenas diante das questões nacionaes mais graves e prementes, mas ainda, em face de terriveis equações que o Seculo nos propunha.

Era o problema imperativo do “ser” ou “não ser”, das origens e da finalidade, o “alpha” e o “omega”, que se estampavam como caracteres de fogo no turbilhão do progresso technico e da multiplicação das metropoles.

Angustiados, acompanhavamos a marcha da Columna. Maior do que a de Annibal. Mais gloriosa, porque mais inquieta. Mais tragica, porque trazia comsigo a força de uma fatalidade. Mais mysteriosa, porque se integrava na terra mysteriosa, no soturno e desolado sertão.

No meio de nossas duvidas, quando não tínhamos ainda achado o caminho, a Columna era para nós um consolo, porque se desenvolvia num sentido paralelo ás marchas do nosso pensamento. Tudo o que ella demonstrava de fatalidade sub-consciente, de indefinição, de inconsciente mesmo, seus impetos

instinctivos, suas intuições estratégicas, seus sacrifícios, seus recuos e avanços, tudo se parecia extremamente com a nossa "columna" de fogo, que era o nosso Pensamento.

Tambem iamos e vinhamos. Tambem contornavamos, tambem desesperavamos, tambem nos lançavamos em impetos de coragem ou nos erguíamos em attitudes desassombradas.

Nunca mais me esqueci daquelles dias. Daquellas noites, principalmente, em que nos reuníamos e em que elle, o heróe, crescia em nossa admiração, porque exprimia qualquer coisa parecida com a tormenta subjectiva de uma juventude, que marcava com seus gestos e suas inquietações o inicio de uma alvorada, a vespera de um grande dia.

*

* *

Quando elle se transviou, esperei que fosse o meu inimigo na qualidade de chefe. Elle só podia ser um chefe. Jamais um rotulo. Jamais um thaumaturgo milagreiro.

Com que magua eu o vi transformado em "messias" de todos os insensatos, de todos os desorientados, de todos os opportunistas, de todos os que pretendiam vender nossa Patria

ao Soviet! Com que desaponto vi crear-se uma lenda medieval, em pleno seculo XX!

Nós estamos numa Edade Nova, das machinas e da technica, das realizações positivas, da sciencia experimental e da racionalização das efficiencias economicas. Periodo em que um senso realista agudo marca o desenvolvimento de uma nova época, ao mesmo tempo intuitiva e scientifica.

Esta phase de civilização humana já não comporta idolos, prophetas politicos, thaumaturgos, monges mysteriosos, mysticos exaltados.

Vivemos um tempo de novo mysticismo, equilibrado, com um profundo senso de realidades espirituaes e materiaes. Renascemos num espiritualismo puro, elevado, de uma nobreza de attitudes e uma clara comprehensão dos problemas originarios e finaes. Estes tempos não comportam mais os "tabus" humanos. Queremos "estadistas".

*

* *

Ora, em circumstancias destas, o heróe da columna passa a ser explorado como uma "Jeanne D'Arc", como um D. Sebastião.

E elle se presta a aggravar uma enfermidade nacional. A velha enfermidade denun-

ciada por Euclýdes da Cunha: o messianismo brasileiro. Doença de povos barbaros, incapazes, talhados para o dominio estrangeiro.

Quando o imperio colonial das grandes potencias militares se exerce sobre os povos contemplativos, elle, portador de uma doutrina politica baseada no mais grosseiro materialismo e na technica de Sorel, prestou-se a figurar como bandeira de um mysticismo morbido, de uma paranoia generalizada e corrosiva das energias vitaes da Nação.

Eu acreditei que esse homem reagiria, afinal, algum dia. Mas o drama do heróe era muito mais doloroso, muito mais chocante para aquelles que o estimaram outr'ora e preferiram tel-o como um inimigo audacioso.

Esta photographia revela tudo. O facies physionomico resalta a evolução deprimente de uma enfermidade psychica fatal. Tomaram sua antiga e luminosa gloria. Absorveram-no com ella. Crearam-lhe uma atmosphera doentia, em que elle respirou ao desamparo de todo o bom senso, de todo o sentido de equilibrio. Empestaram de superstições o seu ambiente. Imprimiram-lhe uma mascara de idolo. Elle não reagiu. Deformaram-no. A enfermidade evoluiu. Estampouse, finalmente, na effigie dolorosa, marcada de attitudes desoladoras.

*

* *

Quando o fizeram assim, encarceraram-no.

Seus carcereiros eram todos estrangeiros e judeus. Implacaveis. Cruéis. Mantiveram-no na sombra. Jogaram com seu nome. Exploraram-no miseravelmente. Fizeram de seus antigos retratos de barba negra, o lenço da Veronica para a adoração das massas analfabetas e inconscientes, sofredoras também, sequiosas por alguma cousa melhor do que isto que anda por ahí.

Encarcerado, humilhado por uma vigilancia de estrangeiros, admoestado por autoridades estrangeiras, manobrado por technicos estrangeiros, não era mais o Chefe, mas um agente, numerado.

*

* *

Essa photographia que os jornaes estamparam revolta. Eis o que fizeram do nosso heróe, daquelle que um dia nós estimámos, admiramos profundamente. Os labios semi-abertos, o olhar amortecido, as faces cava-das, a cabeça pendida para o lado, exprimindo uma attitude de enfermo, uma tristeza dolorosa na sua mascara, — ecce homo!

Oh! Até quando, brasileiros, toleraremos que miseráveis estrangeiros, dentro da nossa Pátria, façam o que fizeram a esse herói nacional? Até quando supportaremos esta dôr? Pois este não era o que todos applaudiram?

Nos dias desta semana ultima, o drama deste herói destruído encheu a sensibilidade de todos os emotivos. Um sentimento de revolta se levanta contra o Soviet, contra a III Internacional, contra as forças occultas organizadas no sentido de destruir personalidades humanas.

Nada mais triste, nada mais acabrunhante do que esta photographia. Que ninguém se alegre desta prisão. Estamos diante de um crime, de um attentado contra uma personalidade. Os autores desse crime devem merecer todo o odio dos brasileiros. A maior parte delles se encontra em liberdade, protegida pela sua hypocrisia e continuando a obra nefasta e destruidora.

Vêde, brasileiros. E meditaes. E levantaes-vos unidos num só bloco, numa só força nacional, para que nunca mais vejamos um crime destes: a destruição de um brasileiro executada por mãos sceleradas de estrangeiros, de internacionaes sanguinarios, aviltadores, sem nenhum respeito pelos nossos patricios que têm a desgraça de se tornarem seus subordinados.

Virtude de camisas-verdes

Existe uma virtude que o Integralismo criou a através de tres annos e meio de lucta, que é virtude exclusivamente, genuinamente dos camisas verdes: a perseverança.

Esta é uma virtude só de camisas verdes. Quando nada tivéssemos feito neste paiz teríamos realizado este milagre: arrancar das profundezas da alma popular brasileira as suas reservas de energias, de forças de vontade, de capacidade de esperar, de persistir, de augmentar cada dia mais o enthusiasmo por uma idéa acceita com fervor e defendida sem um instante de desfallecimento.

Nos dias iniciaes desta campanha, quando ainda realizavamos, sem possuir uma unica séde em todo o Brasil, as nossas modestissimas reuniões no salão de armas do Club Portuguez de S. Paulo, eu repeti aos meus poucos assistentes a observação de Saint Hilaire nos seus livros de viagem.

Notára aquelle escriptor, amigo dos me-

lhores que o Brasil já possuiu, que por todas as localidades por onde passava encontrava sempre as arvores fructiferas desprovidas de seus fructos na época da maturação. E' que os brasileiros (declara Saint Hilaire) comem as fructas ainda verdes; elles não têm paciência de esperar que ellas amadureçam.

O nosso bom amigo, temeroso pelo nosso futuro, borda então ligeiros, mas incisivos commentarios em torno desse facto, dizendo que esse vicio de educação poderá ter pessimas consequencias para o paiz. Sendo incapazes os brasileiros de esperar que os fructos amadureçam, serão tambem incapazes de realizar qualquer obra duradoura em beneficio da posteridade.

*

*

*

Accentuando a observação de Saint Hilaire, eu avisei aos primeiros integralistas que nesse tempo se alistavam na Sociedade de Estudos Politicos, onde eu pacientemente depurava, escolhia os homens capazes de resistir á dureza das longas etapas de um trabalho exhaustivo, que eu proporia as Novas Gerações, eu avisei a todos que a marcha integralista não se faria com rapidez e soffreguidão.

Aquelles que fossem capazes de resistir,

de lutar, de esperar, de construir, pedra a pedra, o edificio que legariamos aos nossos descendentes, que viessem commigo; os incapazes, os pusillanimes, os impacientes, que tratassem de se retirar o mais depressa possivel.

O movimento foi, pouco depois, iniciado. Elle não tinha nada de commum com as campanhas superficiaes e passageiras que até então se fizeram no decurso da nossa Historia. Não era uma campanha epidermica. Buscava as raizes da alma nacional e os recessos das intelligencias; penetrava devagar nos corações; fundia, instante a instante, as mentalidades, ao fogo brando de uma renovação cultural constante e intensa que acompanhava o rhythmo parallelo de uma propaganda politica extensa.

Essa grande obra foi realizada em toda a Nação. Hoje nos orgulhamos de ser o maior movimento cultural das duas Americas; de sermos o unico partido nacional do Brasil; de sermos a unica organização technicamente estruturada num sentido de unidade perfeita em toda extensão da nossa carta geographica.

Temos crescido, como cultura, como sentimento, como força politica, como força efficiente de homens validos, capazes de, em qualquer emergencia, defender as tradições da Patria, assim como capazes de marchar

sem desfallecimentos, conduzindo o facho sagrado da renovação espiritual e do poder creador da Juventude.

Essa marcha, como se vem processando, tem tido o condão de alijar, dia a dia, os impacientes, os afobados, ao mesmo tempo que retempera, anima, revigora e dynamiza os eugenicos e os saudaveis, os capazes de resistir a uma lucta cruel, cuja duração elles não querem saber qual será.

*

* *

Aos verdadeiros integralistas não importa o termino da lucta, por que os inebria a propria lucta. Aos camisas verdes valorosos a idéa da victoria chega a entristecer, pois elles são como as procellarias: amam as tempestades e respiram contentes nas atmospheras carregadas de ameaças.

Luctar: eis a grande alegria deste movimento.

Encontrar difficuldades: eis a nossa volupia.

Sermos perseguidos: eis o motivo poematico.

Sermos incomprehendidos: eis um prazer singular que nos mostra uma superioridade deliciosa.

A incerteza do dia de amanhã é o nosso diadema de gloria.

Exclamamos: “A nossa hora chegará”; pomos nisso a nossa honra e fazemos dessa phrase o nosso panache, o nosso élan, o nosso brio.

Porém, se nos perguntam: “quando chegará a vossa hora? — então, sentimo-nos diminuidos e humilhados, porque a nossa hora deve ser qualquer coisa de maravilhoso e de imprevisto, e só o Chefe deverá saber, no instante supremo em que o Destino dos Povos lhe falar aos ouvidos.

*

* *

A mysteriosa belleza da vida e da morte está em que nem a vida tem data marcada com precisão de calendario, para desabrochar como uma flôr da consciencia universal, nem a morte tem dia designado como os convites para as festas.

Todas estas coisas, que trazem na sua intima contextura o mysterio fascinante das interrogações, superam a monotonia da propria rota dos astros e a precisão de almanak dos eclipses aguardados pelos postos meteorologicos.

Que venceremos, não temos duvidas so-

bre isso. Que ainda não recuamos um millimetro, todos sabemos. Que crescemos é facto inconteste. Que somos uma força nacional, ninguem mais nega, a não ser os cretinos, porque a raça dos cretinos não se extinguirá jamais.

Luctar, porém, é o que nos importa, porque na lucta nos glorificamos, na lucta abandonamos pelo caminho os desanimados, na lucta conhecemos os perseverantes, os que se conduzem pela força de uma convicção que a tudo supera e pelo orgulho de uma attitude que honra e glorifica.

Perseverar. Crescer cada dia num enthusiasmo maior. Essa é a virtude integralista. Esse o maior milagre social do Brasil. E será sómente em razão desta virtude e deste milagre que os camisas-verdes vencerão.

Segurança de direcção

O momento que atravessamos, a muitos desorienta, a alguns enche de perplexidade, infunde receio a uns e um estado de espirito de indecisão a outros.

Na atmospheria em que vivemos estes dias, é curioso observar a attitude dos partidos, das correntes politicas de todos os Estados. Ha uma inibição geral, uma preocupação de não dar palpites. O opportunismo politico, mais do que nunca, aconselha discreção.

Esses trefegos chefetes, tão useiros e ve-seiros em arrastar as bulhentas alabardas de seus pontos de vista; esses frequentadores assiduos das columnas de imprensa, onde cho-calham os guizos das popularidades faceis; esses eternos opinadores, que alardeiam a posse de segredos mysteriosos surripiados na pratica do Olympo, onde os deuses conversam em pyjama, — como estão silenciosos!

Certo que sabemos quanto rastilha pelas mesas de restaurante e de café, ou no “hall” dos hotéis, o inquieto commentario tão expressivo daquella que, no “Ceia dos Cardeaes”, é chamada:

“...o mal, que se faz e desfaz,
no mysterio subtil destes pannos de Arraz...”

Sim: a politica está politicando. Nunca deixou de politicar. Mas o facto é que rarissimas são as vózes a opinar, a assumir a responsabilidade de um parecer, de uma attitude, seja ella qual fôr.

O “estado de guerra”, decretado pelo Governo, com todo o patriotismo, para que se extirpe definitivamente do paiz o kysto sovietico e, de uma vez para sempre, se afastem os perigos dos methodos violentos de aventureiros contra a ordem publica, esse “estado de guerra”, medida suprema, que arma o Poder Publico de capacidades completas para que este defenda a Nação, nós estamos vendo como elle encontra no superior criterio das autoridades, no seu perfeito senso de equilibrio, a applicação adequada, precisa, sem excessos, sem arbitrariedades.

Nós, integralistas, na Capital da Republica, nada temos soffrido contra a nossa liberdade. Ha dias assisti a uma sessão solenne na nossa Provincia do Mar, que se realizou

com intenso brilho; hontem, presidi a uma festa commemorativa de um nucleo municipal, onde cerca de duas mil pessoas se agglomeraram para me ouvir.

O silencio, pois, dos politicos, tem outra significação. Já que os partidos gozam de plena liberdade, e nós somos a prova disso, a attitude taciturna dos mestres Cook, eternos condimentadores dos pratos do dia, nos leva a crêr que elles se alliam ao mais precioso dos alliados em assumptos de opportunismo: o Tempo.

*

* *

Cada qual reflecte, de si para comsigo: que me trará o Tempo? Tenho de dar tempo ao Tempo. E sendo certo que o silencio é ouro, como verdadeiro é que em bocca calada não entra môsca, o melhor é assumir a velha a sabia attitude do sempre novo Pacheco, de Eça de Queiroz.

Pacheco, numa hora destas, não faria outra coisa. Arranjaria um "stock" de monossyllabos ambiguos e atravessaria o Mar Vermelho destes dias a pés enxutos.

Encarando-se a situação pelo prisma dos interesses immediatos, é evidente que nem Salomão seria mais sabio, nem Sancho Pan-

ça mais prudente do que os partidos politicos.

Uma brilhante personalidade me dizia, ha mezes, que, para vencer, para subir, os politicos brasileiros não trepidariam, de uma hora para outra, a se unirem aos proprios communistas.

Na verdade, encapotados nas suas atitudes vagas, os politicos não trepidam diante de nenhum crime contra a Nação, quando se trata de fazer subir o seu partido.

Não quero com isto dizer que todos os politicos se hajam immiscuido em tramas bolchevistas ou se conservem equidistantes, a aguardar as surpresas do tempo. Registro a observação para comprehendermos toda uma psychologia especifica de correntes partidarias.

*

* *

E nem podem mesmo os politicos se nortear por outra bussola. Falta-lhes o que é fundamental nas horas de duvidas e perplexidades. Falta-lhes a luz de uma doutrina.

Nossos partidos não têm doutrina propria. Seus programmas são todos iguaes uns aos outros. Esse desinteresse pelas differenciações dos grupos revela a superficialidade das convicções doutrinarias. Os partidos vi-

vem numa perpetua disponibilidade de pensamento. Podem fundir-se ou dividir-se. Podem desapparecer e reapparecer. Podem estar de cima ou estar de baixo. Em qualquer situação, elles se apresentam como “coringas”, que entram em todos os jogos.

Tanto podem entrar no jogo da monarchia, como da republica; do bolchevismo ou do integralismo; das dictaduras civis ou militares; do anarchismo ou do nihilismo.

Os partidos são como o crême de leite: servem para a salada de fructas ou para a torta de maçã, para o doce em calda e o mamão.

*

* *

Nesse panorama nacional, os camisas-verdes representam alguma coisa extraordinaria, nobre, sem igual.

Somos uma doutrina. Nosso Pensamento é a columna de fogo de nossa marcha. Podem applaudir-nos ou perseguir-nos. Podem louvar-nos ou injuriar-nos. Podem offerecer-nos a cadeia ou o governo. Nada disso interessa. O que nos interessa é uma attitude leal, franca, honesta. A coherencia de nossos actos.

Neste momento, já tracei a directriz clara, positiva, linear aos camisas-verdes: é a

mesma desde o primeiro dia: seguir a nossa doutrina, praticando-a e propagando-a.

Como pretendemos vencer? Pelos methodos constitucionaes. Em que ambiente desejamos prosperar? No ambiente da Ordem. Em quanto tempo almejamos alcançar a victoria? Não nos interessa, porque o que mais nos importa é formar uma consciencia nacional.

Que ensinamos ao Povo Brasileiro? A Unidade da Patria. As Tradições Nacionaes. A União Nacional. A Dignidade do Brasil. A sustentação da Familia. O culto de Deus. A esperança na grandeza da Nação. A defesa dos fundamentos moraes da Nacionalidade contra o communismo dissolvente. A Honra pessoal. A harmonia de todas as classes. O Trabalho. O Principio de Autoridade. O respeito ás leis.

Si ensinamos isso, nossas attitudes são claras, são meridianas. Estamos perfeitamente orientados para quaesquer circumstancias.

Não importa o juizo que formem de nós. Não importa nos detestem aquelles que não nos comprehenderam ou que nos temem infantilmente. Resta-nos sempre a pureza de nossos intuitos, a sinceridade de nosso rumo, a tranquillidade de nossas consciencias.

Si os homens não puderam ver nossos corações, debaixo desta camisa-verde, alenta-

nos o consolo de que Deus o vê. E si Deus o vê, Elle proverá. N'Elle, muito mais do que em nós, confiamos. Com este pensamento atravessaremos todos os instantes historicos. De cabeça erguida. Com a nossa Idéa rutilando no brilho dos nossos olhos, nas horas de dôr ou nas horas de triumpho. E' a segurança da nossa direcção.

Com esta segurança nos apresentamos aos Tribunaes do paiz e aos comicios eleitoraes; aos governos constituídos e ás classes cultas do Brasil. Com esta segurança de direcção, nós comparecemos á Historia e á Posteridade.

Vejo-vos e estou alerta !

Quando, em novembro de 1935, telegraphiei ao sr. dr. Getulio Vargas, presidente da Republica, pondo á sua disposição 100.000 camisas-verdes, para defender as instituições, os meus inimigos fizeram humorismo, dizendo que eu havia offerecido 100.000 camisas, porque não tinha homens nem armas, e uma grande risada rastilhou pelos arraiaes adversarios...

Quando, em setembro de 1936, a Camara dos Deputados toma conhecimento de que existia um questionario, enviado em fins de 1934, aos municipios, para que a "Acção Integralista Brasileira" pudesse ter uma consciencia exacta da sua força, aquelles mesmos inimigos alarmam-se, apontando o Integralismo como subversivo...

Mas, senhores, se em novembro de 1935 eu não conhecesse a força de que dispunha, não assumiria a attitude, que seria quixotesca e ridicula, de collocar essa força á dispo-

sição do sr. presidente. Não sou um chefe de moleques, porém de homens da mais alta responsabilidade no paiz. Mais de cincoenta professores de Faculdades Superiores, generaes, almirantes, sacerdotes, industriaes, altos commerciantes, escriptores, scientistas, cerca de mil officiaes do Exercito, da Marinha e das Brigadas Estaduaes, fazendeiros, artistas illustres, milhares de estudantes e dezenas de milhares de operarios, — e toda essa força me inspira um senso de responsabilidade muito grande, que me impediria de brincar ou fazer um cabotinismo futil, numa hora grave, perante o sr. presidente da Republica.

*

*

*

Estou em condições de cooperar para a manutenção da ordem, de collaborar effectivamente no combate ao communismo, não me tenho perdido na esphera da poesia lyrica, porém das realizações praticas.

Se eu fosse um ambicioso vulgar, teria agido de outra forma, em oportunidades que se me offereceram. Mas o meu patriotismo sempre me levou a sustentar a ordem, a todo o transe.

Ninguém mais, no Brasil, precisa tanto da Ordem, como eu. Porque a tarefa que me

propuz só se torna possível dentro de uma atmosphera de tranquillidade nacional.

Que quero? Formar uma consciencia no meu povo. Para que? Para que ella possa ser a base da construcção de uma Grande Patria.

Como poderei formar essa consciencia? Pela cultura, pelo saber, através de livros, cursos de altos estudos, doutrinação constante nos nucleos integralistas, alphabetização das massas; pelas escolas em numero de milhares, que já fundamos, pela instrucção moral, civica, e physica, ministrada em nossos centros athleticos, pela assistencia social, não só curando enfermidades, porém ensinando os conhecimentos indispensaveis á saude e fortalecimento da raça.

Esta obra está sendo realizada. Consegui recrutar não sómente uma grande multidão de brasileiros, de todas as condições e idades, mas tambem uma aristocracia intellectual, em trabalho constante, desambiciosa, com os olhos postos no Brasil de amanhã.

Sei que de nada valem transições rapidas, nas grandes curvas historicas, por uma razão de mecanica, que poderemos applicar á psychologia das massas; nas phases de transformações renovadoras e vitalizadoras, é necessario o preparo longo das mentalidades e a disciplinação dos sentimentos. Por isso, estou trabalhando ha quatro annos, dia

a dia, hora a hora. Não sou um ambicioso vulgar, porém um grande ambicioso. Sou um grande ambicioso, porque prefiro, com os camisas-verdes, um lugar na Historia, coisa muito mais seductora, para o meu temperamento, do que um lugar no governo. Minha obra dirige-se, pois, aos seculos futuros, e nada prometto aos integralistas, senão dois premios: a gratidão glorificadora da Posteridade, e a paz da alma perante Deus.

Só com estas duas promessas, elles me seguem. Prometto-lhes sacrificios, injurias, calumnias, incompreensões, ironias, perseguições, em vez de empregos e proventos: elles me ouvem, e me seguem, porque amam a Patria, acreditam em Deus, e velam pelas familias do nosso Brasil.

Ora, tendo eu emprehendido uma obra tão vasta, num paiz tão immenso, de população rarefeita, de communicações difficeis, preciso de paz e de ordem. E' por isso que, ao mesmo tempo que desenvolvo o esforço cultural, a disciplina moral, a organização de assistencia social e educativa, preparo-me, para qualquer lucta, na sustentação da Ordem. Sou doutrinator, sou politico e fiz-me caudilho da dignidade da minha Patria.

Registrei o Integralismo como Partido Politico, de ambito nacional, não só para ir verificando, em cada eleição, o crescimento

da consciencia nova que estou creando, como para isolar os camisas-verdes das luctas de caracter local ou regional, o que é obra eminentemente educativa, no sentido da Unidade da Patria. Além disso, faço os integralistas se submeterem dessa fórmula, ás leis do paiz, demonstrando que nos utilizamos dos meios facultados pelo regime, na objectivação de reformas que reputamos indispensaveis á racionalização e fortalecimento da democracia.

Basta lêr os meus livros e os meus documentos politicos, para se verificar que sempre falei isso aos adeptos do Sigma e ao povo brasileiro.

*

* *

O Integralismo é grandioso e complexo. E' um movimento philosophico; é a criação de uma nova cultura; é um conceito novo de democracia, de direito, de economia. E' um movimento civico, educacional, de formação de uma consciencia na massa popular. E' um movimento em pról da unidade do Brasil, pela arregimentação dos sentimentos e subordinação de todos os problemas isolados ao quadro geral dos supremos interesses da Nação. E' um movimento social, luctando pela redempção dos oprimidos. E' um movimento ar-

tistico, procurando divulgar valores universaes, e pesquisar subsidios nacionaes. E' um movimento de bondade, exercitando uma continua assistencia aos desamparados. E' um movimento politico, creando aquillo que é indispensavel ás grandes Patrias: o partido nacional.

Como poderia eu emprehender tão formidavel plano, no meio da desordem? Que me adeantaria a conquista do Poder pelo sortilegio de um golpe? E' preciso muita estupidez para pensar que o Poder me fascina. Não! Se alguma coisa me fascina é ser um Homem Differente. Não querem entender isso? Não importa. As gerações novas me entendem, o Futuro me julgará, e Deus me está olhando, e o seu olhar penetra todos os meandros do meu espirito.

Este grande sonho, que me arreбата, não me oblitera as razões praticas da vida objectiva do paiz. Vejo o communismo aguçar as garras. Vejo o communismo installado em postos de responsabilidade. Vejo o communismo infiltrando-se nos quarteis. Vejo o communismo dissimulando-se em attitudes de salvador do regime, segundo a palavra de ordem de Moscou. Acompanho os passos dos bolchevistas. Sei onde estão, o que pretendem, quando querem agir. Por tudo isso, não serei tão cego, surdo e distrahido, que não me uti-

lize das forças, que tenho em mãos, para cortar-lhe os passos.

*

* *

Quero evitar o golpe communista. Em novembro, estive ao lado da ordem. Como estou agora. Como estarei na “hora H”, á qual não faltarão, mancomunados com o Soviet, aquelles que hoje apontam o Integralismo como extremista porque vêem nelle a barreira contra o seu proprio extremismo.

Sei os inimigos que o Integralismo tem. Sei os que tramam contra a Nação. Percebo as suas manobras. Estou alerta.

A solidariedade ao Governo não se manifesta com palavras, porém, com actos. O Governo sabe que, nas horas precisas contou comnosco. E contou justamente porque, nos logares onde percebi a infiltração communista, tambem me infiltrei. Se o communismo tem gente nos quarteis, eu tambem tenho lá companheiros; se elle vae aos navios, eu tambem vou; se elle vae ás fabricas, tambem vou eu. Não lhe darei quartel. Nas horas tragicas, soubemos cumprir obscuramente, sem alarde, sem allegação de serviço, o nosso dever.

Pensem o que quizerem de mim e do In-

tegralismo. A mim me é indifferente o juizo dos adversarios ou dos incautos, dos perversos ou dos desprevenidos. Vivemos uma hora historica. O Futuro nos julgará. Tranquilla está minha consciencia. Os justos já estão vendo claro. Sinto a força moral do Intelecto, compreendo e exalto, do fundo da minha humildade e do meu amor á Patria, á presença de Deus!

Vilipendio !

O sr. ministro da Guerra, mandando prender o nosso companheiro, coronel Newton Braga, por ter esse illustre brasileiro pronunciado uma conferencia, de caracter puramente cultural, na séde da A. I. B., da Provincia de Guanabara, envergando a nossa gloriosa camisa-verde, declarou ser essa attitude do grande heroe da aviação nacional um vilipendio á farda do nosso Exercito.

Se ainda existe, logica, se essa materia ainda é ensinada em nossos estabelecimentos de ensino; se ainda existe possibilidade de raciocinar neste paiz, somos forçados a concluir o seguinte:

1.º) — Vestir a camisa-verde é um vilipendio para a farda do Exercito;

2.º) — A farda do Exercito é um patrimonio da honra nacional; logo:

3.º) — Vestir a camisa-verde é um vilipendio á honra nacional.

Estabelecida esta conclusão, temos de

analysar os propositos da Acção Integralista Brasileira, pois uma vez que ella é um vilipendio, não o é pelo simples enunciado de sua denominação e sim pelo enunciado de suas finalidades.

Temos de formular o seguinte raciocinio:

1.º) — A Acção Integralista é um vilipendio;

2.º) — Tudo o que estiver contido pela Acção Integralista o é tambem; logo:

3.º) — As finalidades da Acção Integralista são um vilipendio.

Baseados nesta segunda conclusão, perfeitamente logica, temos de affirmar:

I — Crêr em Deus é um vilipendio.

II — Amar a Patria é um vilipendio.

III — Prégar a Unidade Nacional é um vilipendio.

IV — Cultuar as Tradições Nacionaes é um vilipendio.

V — Pugnar pela Soberania Financeira da Nação é um vilipendio.

VI — Lutar pela liberdade do Brasil e dos brasileiros das garras do capitalismo internacional é um vilipendio.

VII — Sustentar o principio da Familia é um vilipendio.

VIII — Defender o principio da Propriedade contra o agiotarismo internacional é um vilipendio.

IX — Combater o communismo bolchevista é um vilipendio.

X — Batalhar contra o regionalismo e o separatismo é um vilipendio.

XI — Elevar o nivel cultural da juventude é um vilipendio.

XII — Manter escolas de alphabetização em todo o territorio do paiz é um vilipendio.

XIII — Arrancar a mocidade dos vicios modernos, da descrença, do scepticismo, do cosmopolitismo, das idéas dissolventes, e trazer-a para os salutaes exercicios physicos e intellectuaes é um vilipendio.

XIV — Ensinar a Historia do Brasil e o culto dos nossos heróes é um vilipendio.

XV — Incluir no espirito das novas gerações as idéas de um Brasil grandioso, forte, respeitado, potencia internacional, é um vilipendio.

XVI — Pretender a justiça social, o amparo às nossas populações pobres e abandonadas, um padrão de vida mais elevado para o infeliz caboclo do Brasil, é um vilipendio.

XVII — Publicar livros e livros de cultura philosophica, sociologica, juridica, economica, como temos feito, com uma tiragem que já ultrapassa 500.000 exemplares, é um vilipendio.

XVIII — Unir todos os brasileiros pelo sentimento, pelas tradições, pelas idéas novas de grandeza e de força nacional, desde Cucuhy, na fronteira da Venezuela até ao Uruguay, e desde o littoral á Bolivia, em 3.500 nucleos onde se cultua a Patria, é um vilipendio.

XIX — Criar a consciencia do respeito á Autoridade, o principio da Ordem, a perfeita disciplina de cada um nos ramos de actividade civil ou militar em que se empregar, é um vilipendio.

XX — Proporcionar assistencia social efectiva, em todas as provincias do Brasil, com ambulatorios medicos, pharmaceuticos e dentarios, combate á malaria, á opilação, ás verminoses em geral, soccorrendo as populações em calamidades publicas, como póde attestar o governador, o prefeito, a Assembléa Legis-

lativa da Bahia e as associações commerciaes daquella provincia, é vilipendio.

XXI — Fazer plantões, nas horas graves em que as familias estavam ameaçadas é um vilipendio.

XXII — Promover a cultura artistica do povo, como tem sido feito através de recitaes populares sob a direcção da Secretaria Nacional de Cultura Artistica, é um vilipendio.

XXIII — Promover a cultura geral do povo, através de conferencias especializadas, como ainda agora está fazendo a A. I. B., por intermedio dos grandes nomes da sciencia nacional, é um vilipendio.

XXIV — Prohibir terminantemente conspirações, mashorcas, golpes armados, e recorrer exclusivamente aos meios legais de luta, que são os eleitoraes, é um vilipendio.

XXV — Manter-se numa attitude superior, só tratando da divulgação de uma ideologia baseada nas tradições nacionaes, evitando todo opposicionismo systematico, toda mesquinharia de opposições demagogicas, como acaba de reconhecer em discurso pronunciado na Assembléa Legislativa Mineira, o deputado Bilac, representante do governo daquelle Estado, é um vilipendio.

XXVI — Inscrever-se no Superior Tribunal Eleitoral, collocando-se sob a égide e garantias do Poder Judiciario da Republica, é um vilipendio.

XXVII — Fazer propaganda cultural do Brasil no Exterior, como attestam os jornaes de Nova York, Paris, Lisboa, Milão, Roma, Buenos Aires, e a correspondencia com grandes vultos da intellectualidade estrangeira, é um vilipendio.

XXVIII — Criar na consciencia brasileira um novo espirito de confiança nas forças da raça, nas energias de um povo, nas tradições historicas, dando ás novas gerações um sentido de affirmacão corajosa e de expansão da Patria, é um vilipendio.

XXIX — Ensinar a doutrina da ordem num paiz em desordem; da disciplina, num paiz indisciplinado; do principio da autoridade, num paiz onde a autoridade fôra substituida pelo arbitrio; da harmonia entre todas as classes, onde o communismo estava pré-gando o odio entre as classes; da concordia, da solidariedade entre os filhos de uma mesma Nação, num paiz onde a Patria estava esphacelada por vinte naçõezinhas rivaes, tudo isso é um vilipendio.

XXX — Combater o cosmopolitismo, o

snobismo, o rastaquerismo, o sensualismo, a jogatina, o sexualismo desenfreado, o alcoolismo, os entorpecentes, a voluptuosidade, os vícios, em nome das energias de uma raça e dos direitos sagrados de um povo, é um vilipendio.

XXXI — Rejeitar posições, offerecimentos, conchavos, acenos de governos e de opposições, para marchar firmes, fortes na pobreza, seguros na sua fé, por entre sacrificios de todas as naturezas e difficuldades de toda especie, é um vilipendio.

XXXII — Regeitar auxilios de poderosos, contar só com os idealistas puros, é um vilipendio.

XXXIII — Submetter-se aos Regulamentos do Exercito, ao ponto de abrir excepção aos militares de prestarem o juramento que todos os brasileiros prestam ao entrar para as fileiras do Sigma, é um vilipendio.

XXXIV — Ter inscriptos nas suas fileiras mais de 100 professores de Escolas Superiores do paiz, é um vilipendio.

XXXV — Ter organizado em seus serviços um departamento de estudos, abrangendo questões de economia, finanças, administração, pedagogia, agricultura, industria, com-

mercio, arte, departamento esse que se subdivide em secções especializadas, que funcio-
nam em todo o Brasil, em todas as capitaes
e municipios, num entrozamento admiravel,
tendo nós já levantado preciosas estatisticas
sobre os mais interessantes problemas nacio-
naes, é um vilipendio.

XXXVI — Ir ao sertão, pegar o cangacei-
ro desamparado, o fanatico, o caçara, o ca-
brocha, o caboclo, dar-lhe consciencia da Pa-
tria, ensinar-lhe os rudimentos da civiliza-
ção, conquistal-o ao convivio das colectivida-
des educadas, é um vilipendio.

XXXVII — Ir em Santa Catharina, tomar
o filho dos allemães, desamparados pela libe-
ral-democracia, trazel-o para as escolas, onde
elle aprende a lingua do paiz e onde canta o
Hymno Nacional, com lagrimas de emoção
nos olhos, é um vilipendio.

XXXVIII — Recrutar as crianças deste
paiz, que já contamos ás centenas de milha-
res, ensinar-lhes as historias gloriosas de Oso-
rio, de Caxias, de Tamandaré, os episodios da
guerra hollandeza, as façanhas de Henrique
Dias, Camarão, André Vidal, os feitos dos
desbravadores das selvas, Fernão Dias, Ra-
poso Tavares, Nicoláo Barreto, Borba Gato,
Manuel Preto, Anhanguéra, contar-lhes quem

foi Tiradentes, quem foi Filippe dos Santos, dizer-lhes do heroismo do gaúcho, sentinela da Pátria, e do nordestino, jangadeiro triumphador dos mares, e do seringueiro, immerso no martyrio do inferno verde, cantar as grandezas da Raça, as glorias de uma Nação, e arrastar toda essa população infantil para grandes destinos futuros, tudo isso é um vilipendio.

XXXIX — Dizer aos brasileiros que já é tempo de repetirmos ao capitalismo estrangeiro que manda e desmanda em nossa politica e em nossa administração a phrase luminosa de Floriano, impeto e bravura do nosso Exercito Nacional, quando exclamou aos que pretendiam tutelar-nos que os receberia “a bala”, é um vilipendio.

XL — Penetrar os sertões da nossa Pátria, ir aos indios, dar-lhes uma funda consciencia nacional, ao ponto de, quando demarcadas as divisas nossas com a Colombia, sairem elles, os Tucanos e Tchauas integralistas, de canôa, abandonando suas roças, para se passarem para o lado de cá, gritando a nossa palavra symbolica: “anauê!”, é isso um vilipendio.

XLI — Gritar com todas as forças ao povo deste paiz: já é tempo de não vivermos mais tremendo de medo da Inglaterra e dos Esta-

dos Unidos! Brasileiros! Levantae-vos! Sejam uma Grande Nação! Positivamente isto é um vilipendio.

XLII — Olhar para o nosso Exercito e para a nossa Marinha e dizer aos nossos irmãos daquellas corporações: já é tempo de pensarmos em impor-nos ao respeito do mundo; precisamos de um formidavel Exercito, de uma potente Marinha, de uma grandiosa Aviação, porque só estaremos dispostos a discutir os problemas da paz, depois que formos fortes, é um vilipendio.

XLIII — Fazer ecôar por todos os recantos da Patria estas palavras: temos 48 milhões de habitantes; a Italia e a França possuem populações iguaes e são potencias de primeira ordem; precisamos, custe o que custar, realizar a união dos brasileiros transformando o Brasil numa potencia internacional de primeira ordem, — é um vilipendio.

XLIV — Dizer ao menino, á menina, ao moço e á moça: sejam bons filhos e bons irmãos; ao homem: seja bom esposo e bom pae; á mulher: seja boa esposa e boa mãe; ao cidadão: ame o Brasil e se sacrifique por elle; a todos: façamos a grandeza moral, intellectual e material desta Grande Patria, é um vilipendio.

XLV — Gritar ao mundo: somos o inicio deu uma Nova Era, o alicerce de uma Grande Nação; o fundamento de uma Civilização do Futuro; somos um Pensamento Novo; somos uma juventude nacional perpetua na sua força e no seu sonho de grandeza; somos o culto da Tradição, a energia do Presente, a esperança num Futuro triumphal, tudo, tudo isso é um vilipendio.

*
* *

E, se tudo isso é um vilipendio, então o melhor seria sermos commodistas, epicuristas, gozadores, aventureiros, egoistas, vendilhões, politiqueiros, bajuladores, pois seria o unico meio de não vilipendiarmos a honra de uma Nação.

Poderíamos impunemente fazer demagogia contra os governos, ou então bater-lhes palmas, tudo conforme soprasse o vento dos nossos interesses. Poderíamos conspirar contra a ordem publica. Poderíamos, livres desta camisa-verde que nos identifica, tramar conspirações á paizana, como é costume nesta Republica. Poderíamos ter os elogios unanimes da imprensa, as palmas das galerias nas Camaras, os rapapés nas ante-salas dos palacios

e as cortezias de todos os magnatas que imperam nesta terra.

A camisa-verde é um impecilho para conspiradores, um estorvo para os que precisam seguir a moda de se articular nas trevas. Implicaram-se com ella porque ella é extremamente definidora.

Camisas-verdes da Patria! Para onde estão nos empurrando? Para que campo de actividade querem nos atirar aquelles que de uns dois mezes para cá se irritaram com a cor de nossas camisas?

Para onde querem nos levar, se sabem que somos mais de 1.000.000 em todo o Brasil? Se não andarmos á luz do sol, como andaremos, se é forçoso, se é uma fatalidade que andemos, nesta caminhada que já agora não ha forças que detenham? Se não houver liberdade para a exteriorização de um pensamento, dentro das normas asseguradas pela Constituição da Republica, que faremos dessa liberdade que é uma perigosa força viva? Quererá o governo da Republica nos obrigar pela força e pela violencia, a sahirmos desta luz clara, onde tudo é sinceridade, para aquelle ambiente de onde saem as surpresas da Historia?

Camisas-verdes! Não percaes a calma. E' preciso soffrer com paciencia porque o que

estamos fazendo não é obra para um quadriennio, mas para varios seculos. O Poder não nos seduz, mas seduz-nos a gloria, a grandeza, a majestade do Brasil.

Ao chefe de policia de Santa Catharina

Acabo de ler, meu illustre patricio, no jornal official de Florianopolis, a sua determinação, prohibindo, no territorio de Santa Catharina, o uso da camisa verde integralista e as excursões de propaganda doutrinaria dos apostolos do Sigma. Essa prohibição não se revestiu da forma arida dos documentos dessa natureza. Pelo contrario, veio acompanhada de uma série de “consideranda”, em que o nobre patricio se mostra ATERROZADO com o progresso verdadeiramente assombroso do integralismo nessa região da nossa Patria.

Tamanho horror por uma doutrina exige uma explicação mais profunda. Os “consideranda” se apegam exclusivamente aos aspectos superficiaes de um formalismo sujeito ás mais variadas interpretações e controversias. E todo o Brasil, numa attitude de es-

panto, fica perguntando: “Por que tamanha ogeriza do sr. Chefe de Policia de Santa Catharina pelo Integralismo?”

Não dispondo de outros meios senão do raciocinio para deduzirmos as razões dessa idiosincrasia da illustre autoridade, vamos aqui raciocinar com o sr. Chefe de Policia; e, como confiamos no seu coração de brasileiro e na sua clarividencia, contamos que, ao fim deste capitulo, o meu patricio catharinense me responderá solicitando tambem uma camisa verde que, um dia, seus descendentes contemplarão com orgulho, dizendo: “Meu avô, entre todos, foi o que teve o mais lindo gesto, porque preferiu ficar com a alma do seu povo a apegar-se a um cargo onde elle seria o algoz das aspirações de um Grande Brasil”.

*

*

*

Preliminarmente, sr. Chefe de Policia, é preciso indagar: que pretende o Integralismo?

O Integralismo quer construir uma grande Nação, baseada nas idéas de Deus, da Patria e da Familia. Acaso merecerão perseguições da policia aquelles que se declaram adeptos dessas idéas? Por consequencia, o horror pelo Integralismo revelado por essa

Chefatura não pôde provir dahi. Mas, passemos adiante.

Como quer o Integralismo construir essa Grande Nação? Pela união de todos os brasileiros, extinguindo-se, no Estado Integral, todo e qualquer principio de divisão e de luta. Não queremos luta entre classes, luta entre partidos, luta entre Estados, luta entre famílias. Ora, se o Integralismo prega essa doutrina de paz e de concordia, poderá um Chefe de Policia ser contrario a ella? Mas, então, uma autoridade, cuja missão é manter a ordem, revela-se inimiga da doutrina da ordem? Vemos logo que não é possível e que, portanto, esse tambem não pôde ser o motivo das coleras do nosso nobre patricio. Continuemos, porém, a investigar.

Como age o Integralismo? Age de duas maneiras: como partido politico, arregimentando a opinião publica: e como sociedade civil, promovendo a educação da juventude, educação essa que, para ser completa, abranje a cultura intellectual, a cultura moral e a cultura physica. No campo intellectual, nossa actividade está revelada em mais de cincoenta livros já publicados, em conferencias sobre assumptos philosophicos, economicos, juridicos, pedagogicos, literarios, artisticos. No tocante á formação moral das novas gerações, só os cegos de espirito não vêem os verdadeiros

milagres que o Integralismo tem operado, arrancando uma mocidade dos cabarets, das casas de tavolagem, dos conventilhos, das tabernas, e projectando-a numa intensa aspiração superior. No referente á educação physica, convidamos o sr. Chefe de Policia catharinense a assistir nossos exercicios gymnasticos, de equitação, de athletismo, de natação, de remo, que estão se processando em todo o paiz, á proporção que vamos dispondo de recursos para a installação dos logradouros necessarios. E fazemos mais. Pegamos o homem do campo, abatido e doente, tornamolo desempenado, ensinando-lhe o rythmo de marcha, as attitudes correctas, e ministrando-lhe remedios contra a maleita, contra a opilação, como acontece ahi mesmo em Santa Catharina, pois se o sr. Chefe de Policia quizer ver uma amostrazinha disso, vá a Jaraguá e pergunte ás populações ruraes a quantidade de medicamentos que tem recebido da séde integralista.

Mas, não é tudo. Estamos installando escolas em todos os logares onde notamos a deficiencia dos governos liberaes no que se refere á instrucção. Ahi mesmo, em Santa Catharina, ensinamos portuguez aos filhos de allemães que, durante tanto tempo foram abandonados pelos governos, ficando sem saber falar a lingua do paiz, não por culpa del-

les, mas dos politicos da liberal-democracia. Estamos, pois, não sómente tornando homens fortes, eugenicos, disciplinados, aos brasileiros em geral, de todas as provincias, mas, particularmente, estamos fazendo ahi o que nunca os governos fizeram: integrar o elemento leuto no sentimento nacional, dando aos filhos de allemães aquillo que elles não tinham: uma Patria.

Esses motivos, portanto, não podem ser a fonte das energicas providencias do nosso illustre patricio. Examinemos, porém, outros aspectos dessa questão.

Qual é a moral que o Integralismo prega? Aquella que se baseia nos deveres do Homem para com Deus, para com sua Patria e para com sua Familia, subordinando a disciplina individual aos imperativos de liberdade da pessoa humana. Em consequencia, ensinamos o culto da Dignidade, da Honra Nacional e Pessoal, o Brio, a Coragem, o Sacrificio, a Renuncia; incentivamos o culto das tradições Brasileiras; estimulamos os sentimentos de Independencia da Patria; incutimos as idéas de solidariedade humana, de justiça social, de equilibrio economico; lembramos o que ha de nobre no Passado, apontando sempre um Futuro grandioso; reerguemos a moral abatida do brasileiro, mostrando que elle é maior do que a Terra afim de lhe arran-

car do coração a herva damninha do desalento em que apodrecem os povos conquistáveis.

*

* *

Será o sr. Chefe de Policia de Santa Catharina contrario a essas coisas? Não acreditamos. Por mais politico que seja, o nosso patriocio é um brasileiro, ama a sua Patria, deve sentir no mais intimo do proprio Sêr uma secreta sympathia por estas idéas que ahi ficam expendidas. Então, por que seu rancor contra o Integralismo? Prosigamos.

O Integralismo, acaso, usa de methodos violentos, perturbadores da ordem? Para responder, basta dizer que visitei duas vezes Santa Catharina e percorri suas cidades. Estive em Florianopolis, S. Francisco, Itajahy, Blumenau, Brusque, Joinville, Rio do Sul, Jaraguá, Bananal, tendo passado deante de meus olhos perto de 40.000 camisas-verdes. Nunca assisti a um conflicto em Santa Catharina. Os jornaes ás vezes noticiam ataques de communistas a camisas-verdes indefesos, em varios pontos do paiz. Mas em Santa Catharina nem isso, pois o integralismo cresceu tão rapidamente que ahi não ha communismo. A doutrina do integralismo exige que conquistemos os corações, os cerebros, os es-

piritos, por meios pacíficos. Nunca vi região do paiz onde essa exigencia fosse cumprida tão a risca. E para evidenciar o pacifismo dos camisas-verdes catharinenses, basta dizer que, assistindo a festas em que tomaram parte milhares delles, nunca vi, mas nunca mesmo, um só soldado da policia catharinense. Nem sei de que côr é a farda que vestem. Nunca assisti a menor irregularidade, o mais leve incidente nessas festas. Em outras provincias tenho tido o prazer de ser procurado por distinctas autoridades policiaes, sollicitas em nos garantir a liberdade e em manter a ordem. Mas em Santa Catharina, nunca vi um delegado, prova evidente de que tudo isso ahi é um seio de Abrahão.

Esse, portanto, não é um motivo que justifique a prohibição da camisa verde e das nossas excursões em Santa Catharina, prohibição que não se verificou em nenhum Estado da Republica. Nem mesmo em S. Paulo, sr. chefe de Policia (e chamo a sua attenção particularmente para esse facto), nem mesmo em São Paulo se prohibiu o uso da camisa verde aos integralistas ali fichados.

Que motivo, então subsiste? Dizem as más linguas que o illustre patricio foi illudido por aquelles que, tendo interesse nas proximas eleições municipaes, foram, perante a sua correcta autoridade, intrigar o integralis-

mo. E, naturalmente, devido aos seus grandes affazeres do chefe de Policia, o nosso illustre patricio nunca teve tempo de observar a extensão desse movimento que hoje empolga a alma catharinense. E se a egregia Chefatura não teve tempo para observar um facto concreto, muito menos deve ter tido para ler os livros integralistas afim de conhecer a nossa doutrina. Aliás, a culpa não é do sr. Chefe de Policia, mas do proprio integralismo, que, em vez de publicar um só livro, o que tornaria facil o conhecimento da doutrina, já publicou mais de cincoenta volumes. Um homem publico do Brasil, dados seus multiplos affazeres, não pôde dar attenção aos escriptores de um movimento que, por enquanto, está interessando os centros cultos e universitarios do Exterior e os brasileiros da massa popular. Nestas condições, nosso illustre patricio teve de louvar-se nos depoimentos de politicos, que foram desleaes nas suas informações.

Essa deslealdade dos informantes é muito natural, pois, como se sabe, o integralismo está em condições de eleger os prefeitos de numerosos municipios, o que não convem aos politicos.

O que convem aos politicos é manter a politicagem; é conservar os filhos de allemães fóra da communhão nacional; e abandonar o

caboclo á sua miseria organica; é submeter Santa Catharina, eternamente, ao jogo politico dos grandes Estados.

*
* *

Ora, sr. Chefe de Policia, o sr. é catharinense e é agora ao catharinense que desejamos raiar. Acha justo que Santa Catharina seja sempre chamada “pequeno Estado”? Acha justo que sua terra natal seja sempre um satelite de São Paulo, do Rio Grande, de Minas? Acha natural que o Brasil esteja dividido em duas castas de Estados: os grandes e os pequenos? Acha humano que de quatro em quatro annos haja uma guerra e nella morram tantos innocentes?

Não, sr. Chefe de Policia; o sr. é catharinense e ama a sua terra; ha de querer vê-la dentro do Estado Corporativo, dentro do Estado Integral, quando não haverá mais bancadas politicas, mas representativas da producção do paiz, hade querer vê-la tão radiosa e bella quanto prestigiada e em pé de igualdade com as demais provincias. Não; o senhor Chefe de Policia vae já, neste instante, mandar buscar uma “camisa verde”. Vae buscal-a. Vae mandar ás urtigas a liberal-democracia, vae ser um brasileiro de idéas

novas, vae se commover connosco, pelos anseios dessa linda provincia de Santa Catharina, que não quer mais ser escrava dos sóbas imperantes nas grandes satrapias da Nação. O Brasil ha de ser uma só e gloriosa Patria!

E, depois, para quem, por vocação da ordem, chegou a occupar o cargo de Chefe de Policia, como não deve interessar o estudo profundo do problema da Ordem? Venha estudar connosco esta gravissima questão. Verá que o combate ao communismo não se faz com patas de cavallos, mas com a resolução dos graves problemas sociaes e economicos. Verá que o Integralismo é a Ordem profunda, a Ordem estructural, a Ordem substancial, emquanto a outra, ordem, a da liberal-democracia, é a ordem da violencia, arbitrária, sophisticadora, sem base e sem logica. Examine essa questão e venha vestir a camisa verde.

E, além do mais, sr. Chefe de Policia, como poderá o illustre patricio combater o Integralismo, se elle não está “nas camisas”, porém “na alma” desse grande povo catharinense? Seria preciso, para acabar com elle, sr. Chefe de Policia, mandar prender, por exemplo, uma pequena criança de 10 annos, doentinha, apoiada a muletas, que me trouxe umas flores na pequena estação do Encano. Se o sr. Chefe de Policia estivesse lá,

abraçaria chorando, como fiz, a criancinha, em cujos olhos brilhava uma luz tão suave! Ella vestia a camisa verde. A camisa verde era toda a sua alegria, a sua festa, o seu consolo, na sua enfermidade, naquella grande manhã em que Deus desceu aos campos de Santa Catharina, para me mostrar esse novo aspecto do grande movimento nacional!

*
* *

Se o sr. Chefe de Policia visse o velhinho que me foi vêr em Rio do Sul quando as crianças de camisas verdes, espalhavam flores pelas ruas, entre as fileiras de 3.000 camisas verdes! O velhinho estava á morte. Esperava sarar para vestir a camisa verde. Dias depois, agonizava. Então, pediu uma camisa verde e vestiu-a para ser enterrado com ella. E foi. O sr. Chefe de Policia póde agora arrancar a camisa-verde dos que estão vivos; não irá, de certo, desenterrar os mortos... No fundo da terra catharinense foi lançada a semente e uma Primavera vae nascer.

E se o sr. visse 3.000 camisas-verdes de Jaraguá mandarem me dizer: "Se o integralismo acabasse, não teríamos mais gosto de viver", indagaria a razão dessas palavras e veria que ha um povo que já perdeu toda a

esperança e todos os motivos de alegria e que só nesta Idéa Nova, nesta Ressurreição da Pátria, encontrará uma justificativa para a existência.

E se o sr. visse um menino de seis annos, de camisa verde, dizer-me, no meio de centenas de companheirinhos: “Nós não contamos a segunda parte do hymno nacional, porque o Brasil não está mais deitado!”

E se o sr. visse, na estrada de Itajahy, um homem de camisa verde, que vinha pela estrada, perder a fala, quando me encontrou, e, algum tempo depois, recuperando-a, gritar: “Brasil! Brasil! Brasil!”

E se o sr. visse, pelas estradas, em todo o territorio catharinense, braços erguidos, mulheres, crianças, velhos, meninos, moços, a gritar “anauê”, palavra selvagem que irmana todos os brasileiros de todas as procedencias raciaes!

E se o sr. visse os “camisas-verdes”, quando assaltados por molestias mortaes, o que falavam no delirio de sua febre e como morrem, com o braço erguido!

E se o sr. visse a minha despedida de um sacerdote, que tinha vindo com 850 homens do campo saudar-me á beira da estrada; se o sr. visse as lagrimas daquelle grande espirito!

Viaje um pouco pelo interior da sua Pro-

vincia, sr. Chefe de Policia. Vale á pena. Experimente, pelas suas proprias mãos, arrancar a camisa-verde dos velhinhos que sonham uma grande Patria para seus filhos; das crianças que já nasceram com uma mentalidade nova; das mulheres, que vêem na cor dessa camisa a garantia da sua honra e da honra de suas filhas; dos enfermos, que, vestindo-a sentem-se em communhão com os que, cheios de saude, se levantaram para erguer uma grande Patria. Estou certo, meu patricio, de que, naquella estaçãozinha do Encano, junto á criancinha de camisa-verde que me levou suas humildes flores, o seu coração escutará a palavra de fogo da estrada de Damasco. A voz do Brasil, caindo como um raio sobre a sua alma, que deve ser boa e nobre, gritará: “Chefe de Policia de Santa Catharina, por que me persegues?”

*

* *

Mas, nem isso será preciso. No momento exacto em que o meu patricio está pousando os olhos nesta linha, o seu destino está sendo decidido porque a voz do Brasil já se ergueu no fundo do seu coração.

Veja: é o Brasil minado de communismo; é o Brasil dividido em vinte nações rivaes; é o Brasil com 50 milhões de habitantes

como republiqueta, quando a Italia, a Alemanha, com populações iguaes, são potencias; é o Brasil ensanguentado de quatro em quatro annos; é o Brasil fraccionado em partidos politicos; é o Brasil com os municipios, agitados e soffredores pelas lutas de familias; é o Brasil do cangaço; é o Brasil insolvavel; é o Brasil que quer erguer-se, quer ser uma Nação Poderosa; sim: é elle que, neste instante, chamando-o como bom brasileiro para as fileiras dos camisas-verdes, exclama no fundo do seu coração:

— Chefe de Policia de Santa Catharina, por que me persegues?

Mas, o que é isso, sr. Chefe de Policia? Enxugue essa lagrima! Tome esta camisa verde. Vista-a. Venha. E eu commandarei aos integralistas de Santa Catharina em nome de todos os camisas-verdes da Patria, a saudação ritual: “Ao nosso novo companheiro, anauê!”

E, como não se sabe quem eram os chefes de policia no tempo de Bolivar, mas sabem-se os nomes dos que o acompanharam na grande jornada, haverá um dia uma criança, quando todos nós já não formos deste mundo e quando o Brasil for uma grande potencia, que dirá, cheia de orgulho: “o gesto de meu avô foi o mais bello no integralismo de Santa Catharina”.

Messianismos

Não tendo argumentos para combater o Integralismo, certos espiritos, em que se esticaram todas as fontes da juventude, assumem uns ares de superioridade e accusam os soldados do Sigma de fanaticos, de messianicos. Muitos, que dos livros só lêem as capas, chegam ao ridiculo de citar, com frequencia, o romance que publiquei em 1930, "O Esperado", em cujas paginas examino o phenomeno do messianismo no Brasil, vertido para a sua forma politica, apontando-me como um estimulador de sebastianismos, quando toda a minha intenção, tanto naquelle livro, como em "A voz do Oeste", foi estudar uma realidade brasileira e leval-a em consideração para o aproveitamento de forças que devem ser traduzidas em acção, num sentido de realismo social e politica objectiva.

*

*

*

O Integralismo é, exactamente, o contrario do messianismo politico. E' um combate permanente ás "esperas" insensatas, ao sonho vago, ao thaumaturgismo e ao caudilhismo lyricos. Logo que foi lançado o "Manifesto de Outubro", apressei-me em publicar um livro que é, na sua primeira parte, a synthese da nossa doutrina de acção, e na segunda parte, a applicação dessa theoria ao estudo da realidade nacional. Esse livro chama-se "Psychologia da Revolução". Nos primeiros capitulos traço a linha de equilibrio entre o heróe carlyleano, o super-homem de Nietsche, que em ultima analyse cáem nos quadros do thaumaturgismo messianico, e o homem das medianias sensatas e conformadas com o determinismo dos factos sociaes. Nos ultimos capitulos, apreciando a vida brasileira, torno patente que não será com os "caudilhos", os "prophetas", os homens isolados que resolveremos o problema nacional, e sim com o esforço para crear a ordem no Pensamento e no Sentimento brasileiro, dentro da qual poderão surgir os homens necessarios ao governo do paiz.

A série de livros que temos publicado (mais de 50) demonstra o nosso realismo politico. As pesquisas constantes da Secretaria Nacional de Doutrina, no seu departamento de estudos, acerca dos problemas da econo-

mia nacional executados sobre dados estatísticos, provam a nossa objectividade. Os cursos e conferencias que se realizam em todas as Provincias, sobre questões de Direito, de Economia, de Historia, assim como, sobre assumptos technicos, mostram á evidencia que o Integralismo não se baseia no culto de um homem, no fanatismo da massa em torno de um heróe.

No discurso que pronunciei encerrando o Congresso de Petropolis, frisei este ponto, transmittindo uma ordem rigorosa ás Provincias: este movimento é de idéas claras, nítidas, precisas, não de fanatismo em torno de uma pessoa. Determinei que os integralistas pensassem menos em mim e mais em nossa doutrina.

No artigo que escrevi para os bacharelandos de Jaboticabal, intitulado "O elogio da ausencia", eu já proclamára que a autoridade no Integralismo era um principio permanente e immutavel, transitoriamente incarnado num simples miliciano.

*

* *

Eu sei que esta minha attitude é tambem objecto de critica. A velha fabula do avô, o neto e o burro tem sempre actualidade. Mas eu não me incommodo com o juizo dos que

estão de fóra, assistindo esta nossa tragica batalha. O que me importa é formar uma consciencia nova em cada um dos camisas-verdes. Essa consciencia é contraria aos messianismos inconsequentes. Não quero que ninguém venha para o Integralismo, por motivos de admiração pessoal. Cada brasileiro que vestir a camisa verde deve fazel-o por conhecimento que tem de uma doutrina politica, originada de um conceito philosophico e dos estudos da realidade do mundo contemporaneo e da vida nacional.

Recommendo aos Integralistas que não se preocupem com minha pessoa, mas com as idéas de que fui portador num momento historico. A Revolução Integralista é permanente, porque será sempre a interferencia do Espirito Humano recompondo equilibrios sociaes, de conformidade com os impositivos da moral e da finalidade superior do Homem; por conseguinte, esse phenomeno de character permanente não póde ficar circumscripto a uma pessoa, pois esta posue uma vida finita, limitada. Desgraçados os paizes que dependerem de um só homem! Desgraçadas as nações que estiverem contemplativamente esperando um Messias! O Messias era um só e já veiu para illuminar todo o genero humano. Elle nos deu os principios fundamentaes da possivel felicidade terrena e nos mostrou o

caminho para o Infinito. Um povo que espera o seu Salvador e não dá um passo para se salvar, por si mesmo, é um povo destinado á escravidão e ao capricho do primeiro aventureiro.

No velho Portugal seiscentista, quando se esperava a volta de D. Sebastião, surgiram varios aventureiros intitulado-se o Rei redi-vivo. Um delles nem falava o portuguez, porque era italiano. Um outro foi um ex-frade, e outro um desequilibrado. O poviléo os acompanhou e acclamou. E' que os povos que se tornam messianicos, estão sujeitos á exploração de todos os charlatães.

*

* *

Não quero que o meu Brasil seja assim. O messianismo, o thaumaturgismo, o caudilhismo, a confiança em um homem já nos tem dado casos de enfermidades collectivas como Canudos, tragedias como a do Contestado, comedias como a de Santa Manoelina dos Coqueiros e Santa Dica. Se existe essa tendencia no espirito nacional, tendencia que se manifesta até nas grandes capitães civilizadas, é preciso que a transportemos para a esphera dos grandes planos de realização nacional, offerecendo ao povo brasileiro uma vasta per-

spectiva de conquistas politicas e construcção de uma Patria. Esse mysticismo é o unico que não faz nenhum mal, antes é salutar, porque revigora as energias de uma raça. Nunca, porém, deve ser levado ao ponto de se apagar o senso commum, a capacidade critica, a faculdade do exame dos problemas, porque do contrario, teriamos uma collectividade insensata, que seria facilmente tangida por meia duzia de dirigentes.

Toda a minha preocupação tem sido transportar as preocupações de ordem pessoal, tão communs no Brasil, para as preocupações de ordem doutrinaria e especulativa. Passar do campo dos sonhos messianicos para o das realidades objectivas. Ao mesmo tempo, arrancar aquelles que se perdem no immediatismo, lançando-os na luta das idéas, e desenrolando-lhes aos olhos um vasto panorama de realizações futuras.

O Integralismo combate, pois, o messianismo. O que vale em nosso movimento, como argumentação para atrair os brasileiros, não são os homens, porém os livros que os homens publicam, as conferencias que fazem, os artigos que escrevem. E' com esses elementos que se deve julgar o Integralismo, porque esses elementos têm caracter de permanencia e perpetuidade, ao passo que os homens são transitorios.

E' uma abdicação de liberdade, é uma humilhação humana, é uma renuncia á personalidade acompanhar um homem só porque elle é um grande escriptor, um grande guerreiro, um padrão de honorabilidade, um padrão de bondade, um exemplo de heroismo.

*

* *

Existe muita gente que diz: "Acompanho Fulano que é um grande homem; se elle fôr communista, serei tambem communista, e se elle fôr monarchista, serei tambem monarchista". Isso tenho eu ouvido de admiradores do sr. Washington Luis, do sr. Carlos Prestes, do sr. Flores da Cunha, do sr. José Americo, do sr. Arthur Bernardes, do sr. Julio Prestes, do sr. Getulio Vargas, do sr. Manoel Rabello, do sr. Pedro Ernesto, do sr. Armando de Salles, do sr. Guedes da Fontoura, do sr. Góes Monteiro, etc.

Não nego que haja, em cada um desses homens, possiveis qualidades pessoases e capazes de fazer amigos e consolidar prestigio. Acho, porém, que essa attitude de muitos brasileiros só serve para dividir a Nação, enfraquecel-a cada vez mais, tornal-a um amontoado de grupos, incapacital-a para uma acção conjuncta.

O que deve unir ou separar os homens são as idéas. Seguir um homem, sem motivos ideologicos, é uma indignidade, ainda quando esse homem possua as maiores virtudes. A situação do Brasil não permite esses fanatismos. Já é tempo de formarmos uma consciencia nacional esclarecida e acabarmos com essa phase infantil que é a da adoração das pessoas. Eis porque não permitto que os integralistas vejam em mim o Integralismo. Eis a razão porque não faço nenhuma questão de chefial-os. Não estou fazendo obra para um quadriennio, nem para um decennio, porque o meu plano transcende ás limitações partidarias ou politicas. Estou iniciando uma construcção que se desenvolverá através dos seculos futuros.

Os “camisas-verdes” devem ter como chefe supremo a doutrina integralista. Não devem gastar o seu tempo em erguer hozanas ao Chefe, a cantar-lhe lóas. O proprio estudo da vida do Chefe não deve absorver de um modo absoluto, os “camisas-verdes”. Esse estudo será feito pelos filhos e pelos netos dos “camisas-verdes”. Não me interessa o juizo dos que estão fóra das fileiras integralistas. Não serão elles que me julgarão. Um dia novas gerações estudarão o Passado. As coisas que agora pareceu pequenas serão vistas pela perspectiva da Historia. E isto que estamos

realizando será tão grande que encherá o século.

Basta-me esta certeza e nada mais. Também os nossos adversarios serão julgados. Muita coisa que está nos annaes dos Congressos servirá para que certos deputados orgulhosos de hoje transmittam aos seus descendentes uma triste herança. Os jornaes da época serão lidos pelos historiadores. Todos nós compareceremos ao tribunal da Posteridade. Tranquillizem-se, pois, os integralistas e não sejam levados, pela propria revolta que lhes occasionam injustiças para com o Chefe, a sahir das preocupações que lhes trecei, impessoaes, oppostas ao messianismo e ao thaumaturgismo.

O movimento integralista não precisa de figuras de prôa, não precisa de cartazes, de “estrellas”, de “primas-donas”, de “astros”, de “super-homens”, de “milagreiros”, de “caudilhos”, de “medalhões”, de “tutús-marambaias”, de “cavalleiros andantes”, de “Rolhões”, de “Santas-Dicas”, de “Antonios Conselheiros”, de “Messias”. Elle possue idéas, uma doutrina, uma consciencia, um methodo, um processo de estudos, um plano de realizações. E isto basta. Sim: basta para a grandeza de um povo que não quer ser escravo e sonha realizar sua gloria pela sua propria força.

Perguntas ao Povo Brasileiro

Brasileiros de boa fé, brasileiros honestos, quero vos fazer hoje algumas perguntas, para que mediteis sobre ellas e possaes, depois, livremente, julgar-nos a nós, integralistas, com o vosso espirito de justiça e a vossa nunca desmentida capacidade para distinguir, intuitivamente, a verdade no meio da confusão.

I — *Nós e o communismo.* — Por que será que os communistas, nos seus jornaes, nos seus boletins, nos seus discursos, não atacam os numerosos partidos estaduaes que existem no paiz? Por que será que os ataques dos homens de Moscou se dirigem sempre contra o Integralismo?

II — *Nós e o capitalismo internacional* — Por que mysteriosa coincidencia, os jornaes que defendem os interesses dos banqueiros internacionaes, atacando os pontos de vista de todos os que contrariam aquelles interes-

ses que (Cincinato Braga, em discursos na Camara; Geraldo Rocha, na série de artigos em que tem combatido o banqueirismo; Marcos de Souza Dantas, na sua attitude desassombrada, etc.) também atacam o Integralismo?

III — *Nós e a maçonaria* — Tendo, durante tres annos seguidos, o Integralismo se conservado silencioso a respeito da maçonaria, jámais lhe dirigindo o menor ataque, podereis explicar a razão porque começaram a circular pelas lojas directivas no sentido de nos combater?

IV — *A nossa força* — Dizem os nossos inimigos que o Integralismo nada representa, que nada valemós, que não temos eleitorado, que não representamos nenhuma força, que somos insignificantes, que estamos esphacelados. Pois bem. Podereis, nesse caso, explicar:

a) — por que os jornaes communistas se occupam com o Integralismo em “manchetes”, em artigos de fundo, em noticias espalhafatosas, em tremendos ataques pessoaes aos chefes do Sigma?

b) — por que razão certos literatos martelam, diariamente, suas diatribes contra nós?

c) — por que circulam tantos boletins,

nos atacando e por que aggridem os camisas-verdes?

d) — por que prohibem o uso da camisa-verde em Santa Catharina (somos tão insignificantes...); por que difficultam a nossa propaganda na Bahia (somos tão pequeninos...); por que o super-orgulhoso jornal de altissimo cothurno “O Estado de São Paulo”, nas suas “notas”, que sempre se occuparam dos assumptos de primeira plana nacional, dedica longas e solemnes considerações a nosso respeito?

V — *Desordeiros e mashorqueiros* —
 Funccionamos ha tres annos; durante todo esse tempo, jámais um integralista respondeu por crime de homicidio, ferimentos graves, ferimentos leves, incendio, tentativa de qualquer violencia, coacção sobre qualquer autoridade, aggressão a membros de outros partidos, distribuição de impressos subversivos, crime de imprensa, falcatruas eleitoraes. Note-se que existem integralistas em 3.500 cidades brasileiras, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul. Os conflictos em que tomamos parte foram os seguintes: Em Barra do Pirahy (cercada a nossa séde, atacados a bala, defendemo-nos a tijolos arrancados da parede, dentro de nossa casa); em Nictheroy (fomos atacados quando pacificamente com-

memoravamos a festa da Bandeira Nacional); Baurú (íamos pacificamente e desarmados para o local de uma conferencia, quando fomos tiroteados, perdendo um companheiro, operario, e ficando varios feridos, e não se registrando um unico ferido do lado dos comunistas); em S. Paulo, na Praça da Sé (confiantes nas autoridades, estavam ali seis mil integralistas desarmados, entre os quaes mulheres e crianças, quando fomos metralhados, como é do conhecimento de todo o mundo); em S. Sebastião do Cahy (fomos atacados); em Petropolis (estavamos dentro de nossa casa, sendo ali aggredidos).

Por que razão os jornaes burguezes nos chamam de “extremistas”? Não é o proprio jornal burguez “O Estado de São Paulo” quem nos accusa de timoratos, de incapazes de violencias, de homens que recuamos da brutalidade? Perguntamos, povo brasileiro: essa accusação de um jornal que se diz conservador, fica bem a elle? Sendo esse jornal o orgão official do sr. Armando de Salles Oliveira, governador de São Paulo, não é a famosa “nota” do dia 21 do corrente um attestado dado pelo proprio governo de que não somos extremistas? Se esse attestado nos vem do governo, qualquer restricção á nossa propaganda não é um crime contra a Constituição da Republica e as leis vigentes? Pergun-

tamos ainda: qual será o interesse do jornal official do sr. Armando de Salles Oliveira em nos insuflar idéas de violencia? Não parece uma armadilha. Por que motivo desejarão caçar-nos, assim? Se os homens do governo acham que somos insignificantes, imponderaveis, que não representamos nada eleitoralmente, por que nos perseguem?

VI — *Nós e as revoluções armadas* — Sabeis, povo brasileiro, que somos seguidos, espiados, vigiados, acampanados, por toda a parte? Sabeis que os nossos telephones são censurados attentamente que nossos dialogos gravados, outras vezes estenographados, e que isso se dá ha muito tempo? Sabeis que as policias de São Paulo e de Minas pediram uma relação de todos os Integralistas inscriptos nos nucleos municipaes?

Sabeis que não ha nada que façamos que não seja do conhecimento do governo? Pois bem: com tal vigilancia e tamanhas cautelas, será possivel que em tres anos de funcionamento da A. I. B., não se tenha descoberto algum plano de conspiração, se elle houvesse? Se conspiramos, a policia tem sido inepta durante tres annos seguidos. Não podendo nós acreditar na inepecia das autoridades, e uma vez que a sua vigilancia é cerrada e sem treguas, perguntámos: por que nos perseguem?

VII — *Nós e a ordem constituída* — Perguntámos aos governadores dos Estados do Espirito Santo (onde realizámos uma concentração de 3.000 homens na capital); de Sergipe, que viu como se portaram ou integralistas no caso da successão governamental do Estado; de Santa Catharina, onde passei em revista mais de 30 mil homens no norte do Estado; do Rio de Janeiro, onde o delegado de policia de Petropolis assistiu á concentração de 5.000 homens (coisa que o proprio sr. Getulio Vargas viu com seus proprios olhos), sem que se registrasse o minimo incidente; do Ceará, que conhece o volume de nossa força e sabe quanto resistimos para nos manter em ordem e calma, no governo do sr. Moreira Lima; da Bahia, onde alcançamos o mais alto titulo de benemerencia, conferido unanimemente pela Assembléa Constituinte, pela voz de todos os partidos, por occasião do temporal, em que fomos a personificação do heroismo, da abnegação, do sacrificio, empolgando a alma bahiana; de Guanabara, que terá sabido, por certo, dos nossos plantões, para ajudarmos a defesa da ordem, nos momentos graves; a todos esses perguntámos, e perguntámos ainda aos demais governadores de Estados, se já não temos uma tradição de tres annos de defesa da ordem legal? E se assim é, perguntámos ao povo brasileiro se se

justifica qualquer restricção á nossa liberdade de propaganda?

VIII — *Nós e a mocidade* — Respondam os paes de familia, aquelle, por exemplo, que foi a uma séde nossa, de Pernambuco, pedir para ver o retrato do chefe, e deante deste, exclamou com lagrimas nos olhos: “obrigado; meu filho está salvo”; ou aquelle casal, que procurou o chefe provincial de Guanabara, para lhe agradecer a cura moral, physica e intellectual de um filho, pelo Integralismo; ou aquella mãe, que viu o filho de 15 annos regressar ao lar abandonado, tambem na provincia de Guanabara; e tambem respondam os professores, sobre quem são os melhores alumnos nos lyceus e escolas superiores; os livreiros, para dizerem a que especie de jovens vendem mais livros scientificos e technicos; os commandantes de regimentos e batalhões, para que falem dos officiaes e sub-officiaes mais disciplinados e efficientes; e os contra-mestres das fabricas, para dizerem o que são os operarios integralistas. Num paiz onde a desordem e a indisciplina tinham penetrado o corpo social, temos sido a escola permanente de ordem, de disciplina, de entusiasmo, de fé, optimismo sadio, confiança na raça e na Patria. Perguntamos agora ao povo brasileiro: por que motivo certos governos estão se

implicando com a “camisa-verde”? Por que motivo os communistas, que nos odeiam, fazem dos governos liberaes um instrumento de suas perseguições contra nós?

IX — *O liberalismo e o communismo* — Qual será a razão por que o congresso communista de 1935 realizado em Moscou determinou aos communistas de todo o mundo que se batessem pela manutenção dos regimens liberaes-democratas?

X — *O dinheiro para a propaganda integralista* — Dizem os nossos inimigos que recebemos dinheiro de Hitler, de Mussolini, do Papa, do governo, dos industriaes e latifundiarios. Por que será que os integralistas pagam mensalidades? Por que será que a Secretaria de Cultura Artistica promove festivaes em beneficio do movimento? Por que será que as colonias allemã e italiana não se interessam por nós? Por que será que, se recebemos dinheiro do Papa, certos catholicos nos guerreiam? Se recebemos tanto dinheiro, não se explica tantos sacrificios pessoas no Integralismo. Nossos ficharios, nossos livros, estão ás ordens de todo o mundo? Quem quer vir examinal-o?

XI — *Nós e os governos* — Dizem os communistas que somos prestigiados pelos gover-

nos. Por que razão estamos impetrando “ha-beas-corpus” e mandados de segurança? Por que motivo estão sendo presos tantos integralistas?

XII — *A doutrina integralista* — Temos uma doutrina. Publicámos mais de 50 livros, que já attingiram um milhão de exemplares. Qual será a razão por que nos fazem apenas ataques pessoaes? Por que nos guerreiam com mentiras, intrigas, calumnias, injurias? Por que não discutem a doutrina? Acaso, na analyse do communismo ou da liberal-democracia, algum dia, oh brasileiros, empreguei algum ataque pessoal? Peço-vos, brasileiros, que me aponteis um ataque pessoal, alguém que eu houvesse ferido com um adjectivo pesado. Então, por que combatem o Integralismo, não no que elle tem de philosophia, de doutrina sociologica, economica, juridica, mas na pessoa humilde daquelle que ha tres annos não faz outra coisa senão pedir aos integralistas que creiam na doutrina, para que o movimento tenha perpetuidade, pois se este depender de um homem, será tão ridiculo como todos os caudilhismos rotulados seja com que nomes forem?

Meu bom povo brasileiro, quero que mediteis sobre estas minhas perguntas, que eu resumo em duas:

1.º) — Por que nos combatem com tamanho odio?

2.º) — Por que, a despeito disso, crescemos, avassaladoramente, em progressão geometrica, conquistando cerebros e corações, a juventude do paiz, as energias, a fé, o sentimento e as forças mysteriosas da alma da Grande Patria?

Ao povo e a cada um só offerecemos sacrificios. E todos vêm vindo. E a Nação está se levantando.

O lobo com a pelle da ovelha

O escriptor hespanhol Jacintho Benavente encabeça com seu nome um abaixo-assinado de intellectuaes de seu paiz, appellando para os seus collegas do mundo inteiro, no sentido de lhes solicitar pleiteiem, perante todas as Nações, pelos direitos das populações civis barbaramente bombardeadas pela artilharia e pela aviação do general Franco.

Tratando-se de uma proclamação dirigida aos escriptores de todos os paizes, quero responder ao sr. Jacintho Benavente e seus acolytos, não como Chefe do Integralismo, porém como escriptor.

Pergunto-lhe, preliminarmente, se a doutrina communista, de que é adepto o governo de Madrid, dá alguma importancia aos sentimentos de humanidade, ao cavalheirismo, ao respeito que se deve ao adversario, á sua familia e á sua religião.

Pergunto-lhe por que foram incendiadas as egrejas hespanholas? Por que foram mas-

sacrados os sacerdotes? Por que foram violentadas as mulheres? Por que foram saqueadas casas particulares? Por que foram mortos, a coronhadas, innocentes civis? Por que foram invadidos e depredados os conventos? Por que foram villipendiadas as freiras? Por que foram pobres camponezes queimados vivos? Por que se untaram de gazolina, ou de pez, tantos paizanos, aos quaes se ateou fogo, para que padecessem uma morte horrivel? Por que foram profanadas as sepulturas? Por que a guerra vermelha não respeitou nem a paz dos mortos?

Isso tudo se deu nas cidades occupadas pelos sovieticos. Isso tudo é do conhecimento do mundo civilizado. Isso tudo é a repetição do que se fez na Russia, do que se fez na Hungria. E' processo velho dos vermelhos, conhecido por todos os povos.

Como vem agora o sr. Jacintho Benavente pretender commover os escriptores do mundo, pelo facto de serem bombardeadas as cidades que os communistas transformaram em fortalezas?

O sr. Jacinto Benavente está muito condoído pela sorte das populações civis? E' muito facil: em vez de se dirigir aos seus collegas de outras Nações, julgando que elles são idiotas, procure o governo de Madrid, pedindo-lhe que faça as populações civis evacuarem

as cidades transformadas pelos sovieticos em praças de guerra.

O sr. Benavente esquece-se de que hoje os serviços de reportagens dos grandes jornaes e das grandes agencias estão muito aperfeiçoados, e que o radio transmite facilmente o resultado dessas reportagens. Estamos a par do que acontece na Hespanha, e julgamos uma affronta o appello do sr. Benavente.

Aliás, a attitude dos covardes bolchevistas sempre foi essa, em toda a parte, quando luctam com adversarios corajosos e leaes. Toda a sua technica é a technica da covardia. Seu methodo é a trahição. Sua arma predilecta é a cilada. Suas offensivas são sempre resguardadas por dissimulações indecorosas. Sua perversidade não conhece outro processo senão esse: o de se fazerem de victimas, enquanto matam pelas costas.

*
* *

O bolchevismo é a mais evidente, a mais eloquente e a mais palpavel das provas de que Satanaz existe e atormenta os homens. Pois, Satanaz é o archanjo tenebroso da mentira, do embuste, da perfidia, da felonía, da hypocrisia, da espreita, das ciladas, das surpresas, das escamoteações, das sinuosidades,

dos despistamentos da confusão, do perjurio, da negação e da ruína. E o bolchevismo é tudo isso.

O bolchevismo illude os operarios, levando-os para a escravidão, para a oppressão, para o chicote, sem precisar algemal-os physicamente, mas algemando-os pela alma, onde apaga a unica luz, a luz do espiritualismo, que garante, sustenta e defende a liberdade do homem.

O bolchevismo engana os governos fracos, desmoralizados, fingindo-se inimigo de si mesmo, bancando o defensor das liberdades democraticas, o sustentador das instituições. A mesma coisa que elle faz com o operario, levando-o, de mansinho, para o abysmo, tambem faz com os governos tolerantes, os governos desprevenidos, os governos em disponibilidade espiritual. Destacando alguns bolchevistas para manterem o fogo sagrado, declarando-se abertamente communistas, Satanaz reserva os seus melhores adeptos para os postos onde elles desempenham o papel de inimigos do extremismo. Esses affirmam sempre que não são communistas. O formalismo liberal-democratico, não encontrando provas escriptas em contrario, solta-os. E elles agem, segundo os methodos de Satanaz, mentindo, mentindo, mentindo...

O bolchevismo engana a burguezia. Des-

taca numerosos adeptos, que se vestem bem, frequentam os logares elegantes, occupam postos de relevo na sociedade, dizem-se até inimigos do Soviet. A esses incumbe desmoralizar a familia, fazer a apologia da vida pagã. Elles andam pelos casinos, pelas praias, pelos appartamentos elegantes, pelos "halls" dos hoteis sumptuosos, pelas redacções dos jornaes, pelas rodas literarias, pelos chás, pelos bailes, pelos recitaes, nas corridas, nos clubes, nos restaurantes, até nas egrejas! E destroem de mansinho. Enfraquecem as forças da resistencia nacional. Desfibram os caracteres. Dissolvem os sentimentos da Patria. Prégam, pelo exemplo de uma vida de exitos fauceis, a philosophia do opportunismo, do aventureirismo, do arrivismo.

O bolchevismo engana os Exercitos. Entrega a alguns militares a tarefa de combater toda e qualquer infiltração de idéas politicas nas Forças Armadas. Sendo os militares, de accordo com as leis do paiz, eleitores, não se sabe porque cargas dagua esses agentes de Moscou metteram na cabeça de certas patentes que os officiaes e sub-officiaes, eleitores pela lei e pela lei obrigados a votar, não podem pertencer a partidos politicos registrados á luz do dia, que agem com objectivos claramente definidos e conhecidos. E' a manobra de Satanaz para impedir que os leaes, os

francos, os sinceros, os de cabeça erguida, os de peito aberto, os que fazem confissão publica de nacionalismo, impermeabilizem as tropas contra a infiltração secreta, a infiltração subterranea de propaganda vermelha. E' o mesmo methodo. E' o mesmo processo. A mentira, a mentira e a mentira.

O bolchevismo engana as religiões. Habilmente se insinua nos differentes credos religiosos, para crear incompatibilidades contra toda e qualquer corrente nacionalista que pretenda unir todos os patriotas para a obra de salvação da Patria. Invariavel nos seus methods, em todos os sectores de actividade, o bolchevismo é o proprio Satanaz, archanjo da insidia, da intriga, das trevas criminosas, que se manifesta neste seculo, impudente, cynico, descarado.

A patifaria bolchevista dissemina-se, desenvolve-se, prolifera e multiplica-se, principalmente nos sectores onde menos se suspeita da actuação sovietica. Veja-se o caso do protesto de um grupo de catholicos em Paris (falsos catholicos, infiltrados nas hostes militantes da Egreja) contra o bombardeamento das cidades hespanholas pelas tropas heroicas do general Franco...

*

*

*

Mas, para responder á mensagem de Jacintho Benavente, tenho um facto que se passou commigo mesmo. O conflicto de Baurú.

Os communistas de Baurú, em numero superior a oitocentos, cercaram o hotel onde eu me achava, todos armados e em attitude aggressiva, explodindo em vaias. Os integralistas, que vieram cumprimentar-me, não chegavam a oitenta. Eu os pasei em revista, tendo esse pequeno grupo á minha esquerda e tendo á direita a massa dos bolchevistas, que me vaiaram sem cessar. Puzemo-nos, em seguida, em marcha.

Mal tinhamos caminhado uns duzentos metros, começámos a ser alvejados por um forte tiroteio, que logo derrubou alguns companheiros nossos, feridos. Dispuzemo-nos á reacção. Nesse momento, um quadro horroroso se nos deparava. Os communistas puzeram na sua frente, como trincheira, mais de duzentas crianças. Por detraz dellas é que atiravam. Estavamos impossibilitados de responder ao fogo.

Foi nesse momento que cahiu morto nosso companheiro Nicola Rosica. E nós nada podíamos fazer, ainda que estivessemos muito preparados para uma lucta, porque matariamos as crianças!

Lembrei-me desse facto, lendo a mensagem de Jacintho Benavente, escriptor hespa-

nhol que a todos nós escriptores do mundo julga tão idiotas ao ponto de acreditar na sua choramingas.

O melhor que Jacintho Benavente deveria fazer neste momento seria dirigir-se aos Azanhas, aos Companys, aos Cabaleros, lacaios do judeu que Moscou enviou para matar hespanhões, dizendo-lhes que não se entrincheirem atraz de mulheres, velhos e crianças, numa guerra em que, do outro lado, batem-se homens bravos e leaes.

Minimo multiplo commum

Os partidos precisam de um nome nacional. De onde poderão tiral-o? Se a Nação está dividida em vinte e um Estados, esse nome terá de sahir de um desses Estados. Mas, então, não será um nome nacional, e, sim, estadual.

Os partidos deverão, nesse caso, arrancar de seu proprio seio o nome nacional. Porém, os partidos são estaduaes. Ora, como a logica e a mathematica nos ensinam que o maior não póde ser contido pelo menor, os nomes que sahirem dos partidos só poderão ter o character, a significação, a natureza desses partidos. Sendo os partidos de character, significação e essencia regionaes, tudo o que sahir delles será, tambem, regional. Logo, os partidos não poderão tirar de si um nome nacional.

Que se entende por um nome nacional? Entende-se o nome que exprime aspirações geraes communs ás diversas modalidades

particulares do corpo social e da extensão territorial.

Quaes são as aspirações geraes communs, no actual momento brasileiro? São exactamente aquellas contra as quaes se batem os partidos estaduaes.

E' preciso examinar desapaixoadamente o panorama social brasileiro, com olhos de estudioso, segundo o criterio da experiencia e do senso das realidades, para se comprehender bem a posição dos partidos expressivos de pequenas collectividades em face da Grande Collectividade que constitue a Nação.

*

* *

Quando dizemos que os partidos exprimem aspirações regionais, não negamos que elles exprimem aspirações reaes, dentro da mentalidade adstricta aos interesses da zona em que se constituem. O anseio de Minas ou de São Paulo, do Rio Grande ou do Nordeste, por uma predominancia nos ramos politicos e administrativos federaes, são realidades incontestaveis. Não entremos na analyse da legitimidade ou não desses objectivos politicos. Contentemo-nos em verificar a sua existencia.

Perguntemos: ha, ou não ha, em cada Es-

tado, um anseio pela hegemonia, ou, pelo menos, por um quinhão apreciavel de mando no scenario federal? Será hypocrisia dizermos que não.

Existindo esse desejo em cada um dos Estados, verificam-se antagonismos profundos, mal dissimulados nas conversações e combinações dos proceres. Como póde, pois, desses antagonismos, sahir um nome que exprima aspirações geraes communs?

Dentro de cada Estado existe, ainda, um partido de opposição, que se chóca com o partido situacionista. Esse partido encontra-se na primeira etapa do seu desenvolvimento politico, isto é, naquella etapa que assignala a conquista do poder nos limites do Estado. Só depois de attingido esse objectivo, derrubando o seu adversario local, é que o partido de opposição lança-se á aventura de conquistar o poder nacional. E' a situação actual do P. R. P., do P. R. M., da F. U., respectivamente de São Paulo, Minas e Rio Grande.

Quando um partido estadual está de baixo, isto é, procurando apeiar o contendor nos limites provincianos, elle deixa de exprimir momentaneamente o interesse hegemonico do Estado, para exprimir o interesse do grupo, no Estado. Ainda é cêdo para entrar em composições visando o poder na Federação.

As suas composições são de outra natureza. Elles cedem habitualmente o logar nacional ao alliado de outro Estado, mediante a promessa do logar estadual com a quêda do adversario conterraneo.

Tambem esses partidos têm seu ambito de aspirações muito reduzido, mais reduzido ainda do que o ambito dos partidos situacionistas. Não podem, por conseguinte, tirar de seu seio nenhum nome capaz de synthetizar um anseio da Grande Nação.

*

* *

Parallelamente a essas aspirações unilateraes dos partidos (cujo numero no Brasil é de 154!) correm as aspirações do Povo Brasileiro. Da mesma maneira como as aspirações dos partidos são realidades objectivas incontestes, não me negarão que ha, contemporaneamente, uma grande aspiração nacional, revelando a essencia moral, espiritual, sentimental e economica de um Povo.

Nossa critica não vae ao ponto de negar aquelles mesmos que constituem as pequenas collectividades partidarias do Brasil a incapacidade ou a indisposição pelos idealismos, superiores da outra opinião, da outra consciencia popular.

Acreditamos, com a maior sinceridade, que todos os brasileiros, de quaesquer partidos politicos, desejam certas coisas em common: — a unidade da Patria, a manutenção das tradições christãs dentro dessa Patria, o prestigio á autoridade, a ordem social, o combate ao communismo, o progresso material do paiz, a grandeza do Brasil. O que affirmamos, entretanto, como verdade positiva, é que essas aspirações passam para um plano secundario, em face dos interesses immediatos da hegemonia federal (para os partidos situacionistas) e da hegemonia estadual (para os partidos opposicionistas).

Assim sendo, taes partidos, de fórmula alguma, poderão tirar de si proprios nomes nacionaes.

*

* *

Hoje, no Brasil, só existe um partido nacional. E' o Integralismo, conforme ha dias tornou patente o general Góes Monteiro. E esse partido não é nacional pelo simples facto de se haver registrado como tal perante a Justiça competente; é nacional porque todo o seu pensamento politico, seu sentimento, sua mystica, fundamentam-se naquellas aspirações geraes communs a todos os brasileiros.

Póde-se, para tornar bem claro o nosso pensamento, usar de uma imagem arithmetica.

O nome nacional brasileiro só será achado se nos lembrarmos de que não se sommam fracções de denominadores differentes. Cada partido politico situacionista é um "numerador", e cada partido politico opposicionista é um "denominador". E' preciso procurar o minimo multiplo commum, que se chama o ideal da Patria. Isto feito, reduzem--se as fracções ao mesmo denominador, que se chama o Integralismo. Sommam-se os numeradores. Dá-se o mesmo denominador. E' bem possivel que da addição dos numeradores resulte um numero igual ao denominador (pois a bôa vontade e o verdadeiro patriotismo conduzem todos os brasileiros á mesma conclusão).

Veremos, caso isso se dê, que a somma das expressões fraccionarias produziu a Unidade. A essa unidade, nós, camisas-verdes, daremos o nome de Estado Integral.

*

* *

E o nome nacional?

Meus patricios: não existe, nunca existiu nome nacional, a não ser em funcção de um

Pensamento Philosophico, ou de um Sentimento Historico. O que nós chamamos “nome nacional” em outros paizes (Napoleão, Bismarck, Cavour, Clemenceau, Frederico II, George Washington, Bolivar e tantos outros) não passaram de traducções pessoaes de obscuras linguagens collectivas, revelações de estados de espiritos de um momento.

Qualquer nome, seja elle qual fôr, que os politicos lançarem, como o capaz de congregar correntes dispares, e opiniões contrastantes, aspirações antagonicas, e indoles adversas, não passará de uma vergonhosa mystificação, um artificio de irresponsaveis deante de uma situação nacional gravissima, que está a exigir novos methodos, soluções audazes, attitudes heroicas, definições formaes.

O momento que vivemos não comporta artificios que tiveram sua oportunidade no tempo de Campos Salles ou de Pinheiro Machado, mas que hoje são perigosissimos á Nação.

A incapacidade para comprehender a Historia, ainda a mais recente, parece constituir a grande doença dos actuaes politicos brasileiros. Suas manobras são empiricas. São futeis. São superficiaes.

O que está faltando aos politicos é genio politico. Sombrias são as perspectivas de um futuro proximo. Por isso, nós, integralistas,

aqui estamos, observando, estudando, medindo a resistencia dos materiaes humanos, comparando os factos historicos, annotando, deduzindo, tomando dados seguros. A nossa palavra não faltará na hora mais grave. Porque ainda constituimos, deante de todo esse panorama lamentavel, que se entenebrece cada vez mais, por entre silencios medrosos, machinações covardes, hypocrisias de attitudes, indefinições geraes, a grande esperança, a esperança real, a esperança unica de um Povo que encontra em nossa sensibilidade politica e em nossa vibratilidade a resonancia através da qual elle póde falar e certamente falará.

Estado Totalitario e Estado Integral

— Os integralistas querem o Estado Totalitario?

— Não; os integralistas querem o Estado Integral.

— O Estado Totalitario não é a mesma coisa que o Estado Integral?

— Não. O Estado Totalitario tem uma finalidade em si proprio; absorve todas as expressões nacionaes e sociaes, economicas, culturaes e religiosas; subordina a “pessoa humana” e os grupos naturaes ao seu imperio. O Estado Integral, ao contrario, não tem uma finalidade em si proprio; não absorve as expressões nacionaes e sociaes, economicas, culturaes e religiosas; não subordina a “pessoa humana” e os grupos naturaes ao seu imperio; o que elle objectiva, é a harmonia entre todas essas expressões, a intangibilidade da “pessoa humana”.

— Por que motivo os integralistas não querem o Estado Totalitario?

— Os integralistas não querem o Estado Totalitario, porque os integralistas adoptam uma philosophia totalista, isto é, elles têm do mundo uma concepção totalitaria.

— Não ha contradicção nisso? Se os integralistas concebem o universo de um ponto de vista totalitario, como é que não concebem o Estado da mesma maneira?

— Os integralistas são logicos, tendo uma concepção totalitaria do mundo e uma concepção não totalitaria do Estado. E' evidente que, sendo o Estado uma das expresões do mundo, se este é considerado em seu conjuncto, o Estado tem de ser considerado como uma "parte" do conjuncto. Se adoptarmos o Estado Totalitario, então é que ficamos em contradicção, fazendo que uma "parte" absorva as outras partes.

— Mas um jornalista escreveu, ha dias, que os integralistas ensinam uma doutrina confusa, porquanto o Estado Forte, o Estado Leviathan de Hobbes comprehende a absorpção de todos os elementos sociaes pela autoridade estatal... Como respondem os integralistas?

— Coitado do jornalista, é um principiante. Mistura tudo. Ouviu falar em Hobbes, sem ter a menor noção do assumpto.

Basta dizer que Hobbes é um materialista, um naturalista, ao passo que nós somos espiritualistas. A conclusão a que Hobbes chegava, era a de que o homem não presta, é inclinado aos vícios e á maldade e, por conseguinte, a sociedade tinha de ser governada com pulso de ferro, por um Estado absorvente de todas as liberdades, impondo uma disciplina pela força. Esse é o Estado "Leviathan", hypertrophiado e gigantesco. Ao contrario de Hobbes, um outro philosopho chamado Locke, tambem materialista, tambem naturalista, pensava que o homem é bom, que as leis, o arbitrio do Estado é que o tornam mau. Baseado no mesmo materialismo experimental de Hobbes, chegava Locke á conclusão de que cumpria dar a maxima liberdade aos individuos, competindo ao Estado assegurar essa maxima liberdade. Bastava isso para que tudo corresse no melhor dos mundos. Tambem J. J. Rousseau foi da mesma opinião de Locke. O "homem natural" de Rousseau exprime todo o seu pensamento politico. O curioso nisto tudo é que, partindo de um mesmo principio (o naturalismo) Hobbes separa-se de Locke, porém ambos vão se encontrar nas ultimas consequencias do Estado Liberal, isto é, no communismo bolchevista, no Estado Socialista, que destróe toda a personalidade humana, os grupos naturaes, a liber-

dade. Tanto Hobbes como Locke e Rousseau, são “unilateraes”. O primeiro considera o Estado e pretende fortalecel-o contra o Indivíduo. O segundo considera o Indivíduo e pretende armal-o contra o Estado. Nós, integralistas, consideramos a autoridade do Estado como uma força mantenedora do equilíbrio, da harmonia, dentro das quaes gravitarão, inter-independentes e sem choques, os grupos naturaes e a personalidade humana. A “autoridade do Estado”, para nós, integralistas, não é “superior” nem “inferior” nos outros “valores” sociaes e nacionaes (“Familia”, “Corporação” e “Município”; “Cultura”, “Economia”, e “Religião”). Trata-se de um “valor” differente, de um elemento de natureza diversa, que entra na composição das harmonias sociaes e humanas. Mantendo integras cada uma dessas expressões humanas, o Estado Integral tambem a si proprio se mantem integro. Elle não entrará nos dominios proprios de cada uma dessas expressões humanas (“Familia”, “Corporação” e “Município”; “Cultura”, “Economia” ou “Religião”), mas tambem não permittirá que qualquer dellas pretenda absorvel-o.

A missão do Estado Integral é manter equilíbrios, sustentar as harmonias sociaes. Para isso, elle reivindica para si todas as prerogativas que lhe foram arrancadas e que lhe

são inherentes, mas nem por isso elle fêre os legítimos direitos de cada um dos factores humanos constitutivos do conjuncto nacional.

— O Estado Forte não é Estado Totalitário?

— Não. O Estado Forte é aquelle cuja autoridade moral se fortalece pelo respeito que esse mesmo Estado vota á intangibilidade da “pessoa humana” e de todas as suas expressões grupaes ou sociaes. O Estado Totalitario seria o Estado Arbitrario. O Estado Integral é o Estado de Direito, o Estado Mediator, o Estado Ethico, conforme um principio espiritualista e christão.

— O Estado Integral é um Estado Forte?

— E’ o unico Estado Forte, justamente porque não é arbitrario, nem absorvente, nem annullador de legítimas liberdades.

— Como consegue o Estado Integral ser forte e sem contraste?

— Creando a consciencia das “differenciações” dos grupos humanos e das expressões sociaes, que passam a gravitar harmoniosamente no sentido do bem commum, cada qual com sua propria natureza, sua propria funcção, seus proprios objectivos. O Estado, por sua vez, penetra-se dessa consciencia da sua natureza, da sua funcção e dos seus objectivos. Principios immutaveis fixam os limites de acção de cada pessoa e de cada grupo,

assim como de cada expressão humana (Cultura, Economia, Religião). O Estado se fortalece, guardando seus próprios limites e defendendo e sustentando suas prerogativas.

— Como se entendem as prerogativas do Estado?

— Entendem-se, não como direitos, porém como deveres.

— O mesmo jornalista accusou o Integralismo de não agir violentamente, para attingir o Poder; outros apontam o Integralismo como doutrina filiada ao facismo e procuram demonstrar ser este um adepto de Sorel, tanto quanto o communismo. Que respondem a essas cousas os integralistas?

— O pobre jornalista é, nestes assumptos, um estudante de curso primario. Os outros accusadores não o são menos. O Integralismo não tem agido pela violencia, justamente porque nada tem que ver com Sorel. O autor das "Reflexões sobre a Violencia" é materialista, evolucionista, darwiniano. Toda a sua doutrina é baseada no "struggle for life", ao ponto que elle preconiza, como etapa indispensavel da lucta de classe, o fortalecimento da burguezia. Como Marx, que é naturalista e continuador dos economistas liberaes, Sorel acceita, integralmente, os mesmos principios que já estavam em Hobbes, em Locke, em Rousseau. Só o facto de nós sermos espiritua-

listas evidencia que não somos soreleanos, que não adoptamos a theoria da violencia, pois seria a negação da nossa doutrina. Nossa doutrina a respeito do emprego da força é clara e não admite duvida. Em principio, condemnamos toda e qualquer sedição, todas as conspirações, todos os golpes de mão; respeitamos a autoridade constituída; esse respeito irá até ao dia em que a referida autoridade já não puder manter o proprio principio da sua autoridade e já não tiver meios de fazer a Lei, a Constituição serem cumpridas. Se isso acontecer, se praticamente não existir mais autoridade, então será em obediencia ao proprio principio da autoridade que os integralistas terão o dever de usar da força, caso disponham della, para evitar desgraças maiores, como a implantação do communismo ou uma situação de anarchia. Essa doutrina é a propria doutrina da Ordem no que ella tem de mais profundo. Ora, dentro desses principios, respeitando as leis e as autoridades do paiz, não somos incoherentes e, sim, affirmamos a nossa coherencia e a nossa dignidade de pensamento. Quanto ao fascismo, que dizem ser discipulo de Sorel como o bolchevismo, o caso é um pouco differente.

— Poderão os integralistas explicar a posição doutrinaria do fascismo em face do bolchevismo e do integralismo?

— No fascismo cumpre distinguir dois aspectos: o da campanha politica e o da construcção do Estado. Surgindo num periodo de desordem completa, de quasi dominio do bolchevismo na Italia, o fascismo não teve em mira seguir nenhum texto de ideologo ou de pensador. Cumpria era salvar a Nação de perigo imminente e não creio que os camisas-pretas, naquelle instante, andassem discutindo nenhuma questão doutrinaria. Foi uma lucta de rua, foi uma lucta eleitoral e de grupos armados, em tudo semelhante ás luctas politicas brasileiras. Os coroneis de aldeia, os bachareis chefes politicos, que “mettiam o páo” e ainda, até hoje, commettem tropelias eleitoraes neste paiz, nem sabem se Sorel existiu algum dia. Na Italia, foi a mesma coisa. Depois da victoria, Mussolini explicou aquella lucta estudando seus aspectos e appareceu o nome de Sorel. Tornou-se um habito dizer-se que o fascismo, tanto quanto o bolchevismo, receberam licções na mesma escola, leram o mesmo livro das “Reflexões sobre a violencia”. Sim; elles, os “arditti” os ex-combates, os camisas-pretas, leram tanto Sorel como o coronel Serapião de Santa Luzia do Olho d’Agua, que manda escanchar a guatambú os seus adversarios nos pleitos municipaes... Quanto á parte constructiva do fascismo, todos sabemos que a doutrina foi se formando

devagar, entrando em collaboração as mais varias tendencias. Motivos de ordem pratica immediata foram dictando a transformação do Estado, obra quasi de sedimentação sobre o arcabouço da velha Constituição. A cultura fascista é mais de commentadores dos “factos” do que de theorizadores do Estado. Todos os grupos collaboraram: os idealistas de Gentile, os ultra-idealistas de Tilgher, os niestcheanos de D’Annunzio, o espirito revolucionario de Corradini, o futurismo de Marinetti, o superior senso juridico de Rocco. O que ha de commum entre o facismo e o integralismo é a exaltação nacionalista e o sentido de harmonia social. O fascismo marcha para o integralismo. Quanto ao bolchevismo, o fascismo nada tem que ver com elle. Basta o caracter materialista do communismo, para se excluir qualquer parentesco com o fascismo. O fascismo não é, pois, um extremismo, é uma reacção nacional e uma revolução idealista. Quanto ao Integralismo, é a criação de uma Nacionalidade e o lançamento de uma doutrina de Estado.

— E o Estado Integral é anti-democratico?

— Não; o Estado Integral quer restaurar a democracia que já não existe no Brasil. Não é um destruidor do regimen, mas o crea-

dor de novos órgãos capazes de revitalizar um regimen morto.

*

* *

A lição já vae longa. Estou, entretanto, sempre ás ordens dos patricios de intelligencia tarda. Um milhão de brasileiros já sabe tudo isso, já entendeu tudo. Só não entenderam ainda duas especies de homens: os velhacos e os retardados mentaes. Ao cabo de quatro annos de doutrinação permanente, estou ainda com o mesmo bom humor e a mesma paciencia para explicar. Não, é claro, aos velhacos, mas aos de intelligencia dura, aos vagarosos mentaes. E' não fazer cerimonia. Ir perguntando... E irei sempre respondendo...

Posição

Em silencio e alerta. Firmes com a nossa doutrina, indifferentes á sorte dos homens. Indifferentes á nossa propria sorte. Que será o dia de amanhã? Isso é o que menos nos preoccupa, porque o “amanhã” já nos pertence, ninguém nol-o arrancará das mãos. Custou-nos uma obra de cultura, um esforço como já-mais se fez, um sacrificio de todas as possibilidades de triumphos ephemeros. E o sangue dos nossos martyres.

O dia de “amanhã”, para nós, integralistas, é a grande arvore que já está plantada no espirito de uma juventude e no coração dos humildes. Essa arvore germinou, cresceu, porque a Primavera era chegada. Ninguém poudé evitar essa Primavera; como haverá alguém que evite o outomno com seus fructos?

Essa obra, que temos realizado, de educação constante, não mais perecerá. Temos ensinado ás criancinhas a lição da bondade e

do amor de Deus e da Patria; temos ensinado aos moços a lição da virtude, da castidade, da severidade, da saúde do corpo e do espirito, a hygiene physica e moral, a bravura, a fé, a esperança, a alegria; temos ensinado aos tristes, aos melancolicos, aos displicentes, aos scepticos, a lição dos jubilos interiores que provêm das energias da consciencia e das forças immortaes do coração; temos ensinado aos que envelhecem a arte de envelhecer com dignidade, impondo-se ao respeito; temos ensinado aos fracos a lição da fortaleza, aos revoltados a lição do optimismo creador.

*

*

*

Tudo isto é tão grande, que os que nos observam de fóra, dos arraiaes da politica vigente, não podem comprehender. Para elles, ou somos um partido politico, igual aos outros, prompto a fazer um conchavo em nosso beneficio, ou somos uma conspiração, com objectivos terroristas.

E nós não somos, apesar de estarmos registrados como partido, nós não somos nem um partido, nem uma conspiração.

Somos uma escola e somos um recrutamento de almas. Somos uma attitude, somos

uma decisão. Mas, principalmente, nós somos um “acto de consciencia”.

Um acto de consciencia! Compreendeis o que significam estas palavras? Só podereis comprehender quando vos surprehenderdes integrados nesse estado de espirito, nesse phenomeno de psychologia social sem precedentes na Historia Brasileira.

Um sympathizante nunca poderá entender bem “isto” que se passa em nossas fileiras, senão depois que se deixa absorver pelo sentido de vida do nosso Movimento.

Cada um dos que vestem hoje a camisa-verde sabe muito bem porque digo estas coisas. Cada um sentiu a transformação porque passou. Desde o dia em que, abandonando a attitude de mero espectador sympathico, tornou-se um integralista, começou a vêr as coisas de um modo diferente.

E’ que até mesmo a collocação dos problemas obedece, no Integralismo, a um criterio completamente novo. O Integralismo, tenho dito ás intelligencia mais esclarecidas, é um methodo. Sendo uma philosophia, sendo uma norma moral, sendo uma politica na alta acepção do vocabulo, determina uma concepção de methodo. Esse methodo só o apprehende quem se deixou penetrar pela mystica do Movimento.

*

*

*

Sim; porque somos também uma mystica. Sabemos que todos os grandes empreendimentos humanos só se tornam possíveis mediante o mysticismo que lhes é próprio.

Não se confunda, porém, o mysticismo dos homens activos com a mysticismo dos homens contemplativos. Nós somos, principalmente, homens activos. Homens em acção. Homens com um objectivo predeterminado. E sabemos que o ferro, o aço, os metaes rigidos não se trabalham a banho-maria. E' preciso o fogo vivo, o fogo de altos fornos. E esse fogo é a nossa mystica.

Foi sob a acção desse fogo que se realizaram os grandes movimentos na Historia. Uma Nação que se tornára abulica não se poderia curar a banhos mornos.

Esta mystica funde a liga de metaes heterogenios e possibilita a depuração dos elementos nobres. Todo o residuo miseravel de uma época é regeitando. Todos os vicios são expurgados. Chamam a isso "a nossa intranquencia". Nós chamamos a isso "a nossa dignidade".

*

*

*

Dignidade do Pensamento. Dignidade da Consciencia. Dignidade do Coração. Dignidade das resoluções rectilíneas. Dignidade das attitudes viris. Em summa: fidelidade ao Espirito.

Como poderão comprehender-nos os que não consideram o que ha em nós de Espirito? Pois se o Espirito é tudo, como poderemos trahil-o, com transigencias e accommodações?

Haverá alguém cujo poder, cujo fascínio, cujas promessas, cuja amizade, cujas ameaças, cujas perseguições consigam de nós a trahição de nós mesmos?

Imaginae um christão em Roma, chamado a collaborar com os Cezares, numa combinação em que aos adeptos do Nazareno fosse facultada a liberdade do seu culto, e ao Imperio a manutenção dos idolos e dos costumes pagãos.

Essa hypothese é a nossa hypothese. Estamos convencidos de que deveremos dar combate ao materialismo que nos esmaga, nos suffoca, nos desfibra, nos torna opportunistas, commodistas, politiqueiros, enquanto o barbaro prepara os seus golpes na sombra. Desde que nos alimenta essa convicção, como poderemos acreditar na palavra daquelles que se dizem pactuantes com os nossos sagrados propositos e pretendem, ao mesmo tempo,

compactuar com os “quirites” idolatras, cuja licenciosidade de costumes e cuja hypocrisia e violencia contra as tradições da Republica são evidentes e proclamadas?

*

* *

Estamos, pois, em silencio e alerta. Em observação. Ao intellectualismo de um Trajano, á magnanimidade de um Tito, á philosophia de um Marco Aurelio, preferimos a adhesão integral de Constantino.

Não temos pressa, não temos ambição, não nos movem interesses, não nos seduzem vantagens, não nos amedronta a ameaça, não nos apavora o Futuro, não tememos o dia de Amanhã, não nos perturba o dia de Hoje.

Penetrados pela “razão de Estado”, e, muito mais, pelas “razões de Deus”, não odiamos nenhum inimigo, mas tambem não amamos nenhum amigo. Submettidos a uma doutrina, pugnamos por ella. Entregues a uma obra de educação, a uma obra de vigilancia, de preservação, de preparo das gerações vindouras, caminhamos serenamente, tranquillamente.

Facilimo é conquistar-nos. Basta que o brasileiro disposto a isso deixe-se conquistar

por nós. Esta conquista não é pessoal, porque é espiritual.

Quantos homens eminentes nos têm conquistado! E' olhar para os grandes vultos do Integralismo. Ainda hontem, presidindo a uma sessão conjuncta do Supremo Conselho, do Secretariado, da Camara dos Quarenta, eu via deante de mim homens cujo valor honraria qualquer paiz. E esses homens conquistaram-nos, a nós, integralistas. Scien-tistas, escriptores, militares, professores, profissionaes illustres, cuja projecção era grande no Brasil, aprenderam o caminho desta conquista facil. Quando julgaram que estavam conquistados, nós, camisas-verdes, é que estavam conquistados por elles. Pela sua attitude, que demonstrou renovação espiritual; pelo seu desassombro, pelo seu desinteresse, pela sua humildade.

Tudo isso explica a nossa situação na politica nacional. Define a nossa posição.

Quando, algum tempo, neste paiz, se viu uma posição assim, uma attitude semelhante, tamanha serenidade, tamanha dignidade?

Algum dia a Historia do nosso Brasil ha-de contemplar, maravilhada, este formidavel perfil de cordilheira moral, cuja altitude não póde ser avaliada de perto.

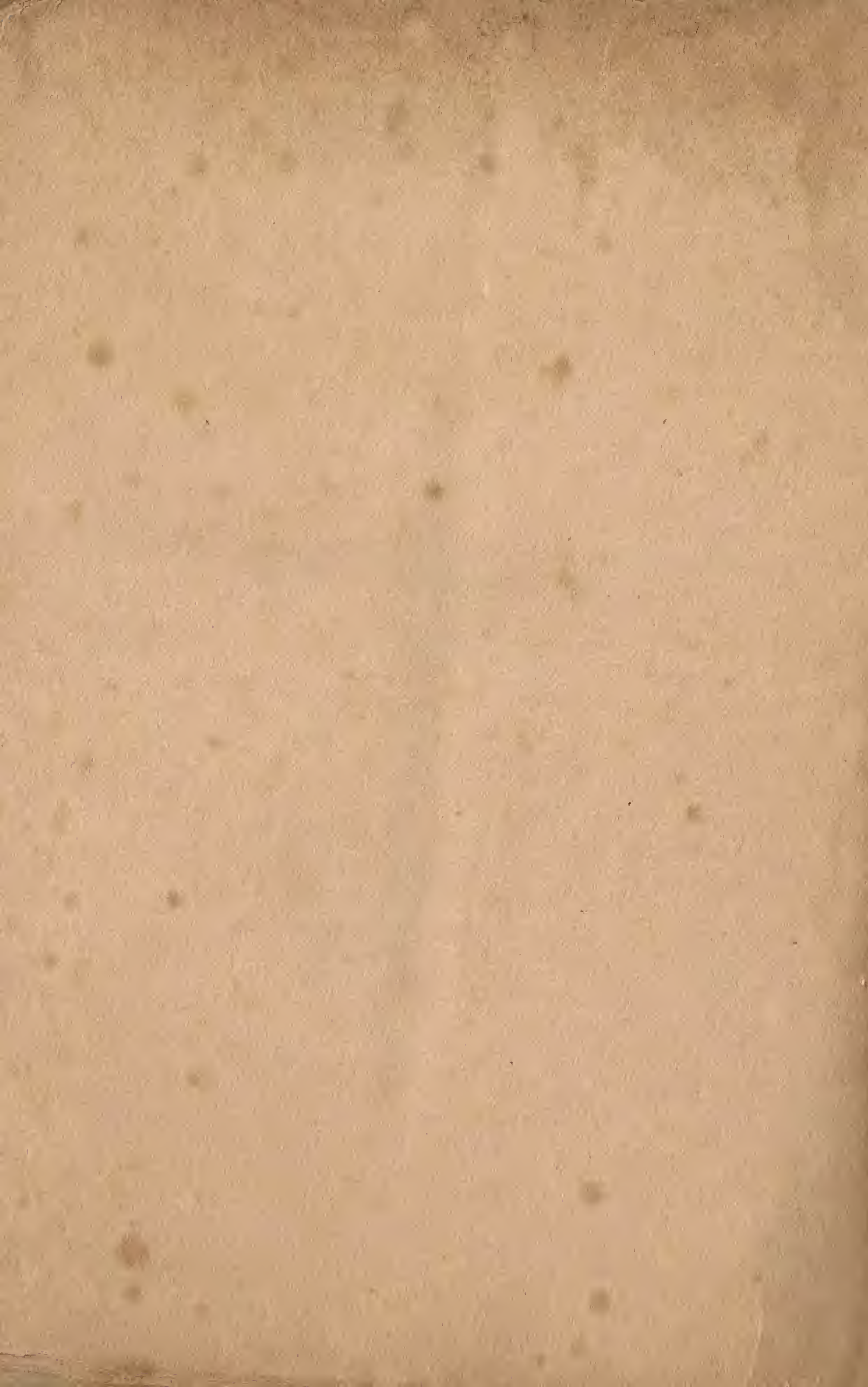
E os netos dos que vestem hoje a camisa verde exclamarão cheios de santo orgulho na-

cional: “meu avô foi um delles! E é por isso que somos uma Grande Nação”.

Porque, na verdade — e sirva este pensamento de lição aos pouco attentos — o espirito de uma Patria não se fabrica como os “cock-tails”, com misturas varias, sacudidas no recipiente fechado da politica, mas extráe-se com a poderosa energia de um pensamento, a força de um sentimento e o fogo immortal de uma mystica.

Indice

	<i>Págs.</i>
<i>No fragor da batalha</i>	5
As duas faces de Satanaz	7
Carta aos inconscientes	17
Filantes	25
Em face do diluvio	31
Pola ley e pola grey	41
Perante o tribunal da Historia	53
Extremismos?	61
Os verdadeiros extremistas	69
O drama de um heróe	75
Virtude de camisas-verdes	85
Segurança de direcção	91
Vejo-vos, e estou alerta!	99
Vilipendio	107
Ao Chefe de Policia de Santa Catharina	121
Messianismos	135
Perguntas ao Povo Brasileiro	145
Lobo com a pelle da ovelha	155
Minimo multiplo commun	163
Estado Totalitario e Estado Integral	171
Posição	181



BEDESCHI — imprimiu

Miguel Kcale:

Perspectivas Integralistas

(com a carta do trabalho do fascismo e o Estatuto do Trabalho de Portugal) — 1 vol.

6\$000

Custodio de Viveiros:

O Sonho do Filosofo Integralista

6\$000

Os Inimigos do Sigma

6\$000

Antonio Guimarães:

Salazar — o Homem do momento

O programma integralista portuguez

7\$000

Pedro Theotónio Pereira

(Ministro do Commercio
de Portugal)

A Batalha do Futuro

(organização corporativa)

8\$000

Ego Spirito:

**Principios fundamentaes de economia
corporativa**

8\$000

Antonio Sardinha — Obras

R. Von Thering:

A Lucta pelo Direito

Enc. 8\$000 — Br.

0\$000

Enviado-se catalogos

LIVRARIA P. ANTUNES

RUA DE S. JOÃO, 142

RIO